



RETRATOS DO COTIDIANO DE ITANCUÃ MIRI PARA CONHECER SUA GENTE E SEU AMBIENTE



ORGANIZAÇÃO E ROTEIRO
Hilma Cristina Maia Guedes
e Pedro Henrique de Aviz Silva

PESQUISA E ELABORAÇÃO
Grupo "Meio Ambiente e Cultura"
Clube do Pesquisador Mirim

BELÉM - PA
2012

RETRATOS DO COTIDIANO DE ITANCUÃ MIRI

PARA CONHECER SUA GENTE E SEU AMBIENTE

Organização e Roteiro

Hilma Cristina Maia Guedes e Pedro Henrique de Aviz Silva

Pesquisa e Elaboração

Grupo "Meio Ambiente e Cultura"

Clube do Pesquisador Mirim



DIRETOR

Nilson Gabas Junior

COORDENADOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Ulisses Gallati

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO E EXTENSÃO

Wanda Okada

COORDENAÇÃO DE MUSEOLOGIA

Roseny Mendes

CHEFE DO SERVIÇO DE EDUCAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL

Luiz Fernando Fagury Videira

COORDENADOR DO PROJETO CLUBE DO PESQUISADOR MIRIM

Luiz Fernando Fagury Videira

GRUPO "MEIO AMBIENTE E CULTURA"

INSTRUTORA DO GRUPO

Hilma Cristina Maia Guedes

INSTRUTOR AUXILIAR

Pedro Henrique de Aviz Silva

PESQUISA E TEXTO

Alunos do Grupo Meio Ambiente e Cultura

ILUSTRAÇÕES

Jonilson Lima de Souza

FOTOGRAFIAS

Acervo Serviço de Educação

Acervo Malungu

Acervo pessoal da família Alves

PROJETO CARTOGRÁFICO

Thiago Allan Guedes Sabino

PROJETO GRÁFICO

Norberto Tavares Ferreira

APOIO TÉCNICO CIENTÍFICO

Helena Dóris de Almeida Barbosa Quaresma (UFPA)

COLABORAÇÃO

*Deusa Priscila da Silva Resque, Eliete Santana de Carvalho (Necy),
Edson Luiz Costa Lopes, Sara dos Santos, Thiago Allan Guedes Sabino,*

Suzana Lopes, Vanessa Brasil

REVISÃO

Iraneide Silva

INTEGRANTES DO GRUPO CULTURA & MEIO AMBIENTE

Adriel Lorrann Mendes Costa

Alicia Maria Rodrigues Leite

Ana Beatriz Lopes Rodrigues

Ana Karolina Marques Castro

Arhiel Ingridi de Oliveira Ferreira

Beatriz Saara Correa Lima

Brendha Caroline Pacheco de Brito

Clívia Sarah Brito dos Santos

Gabriel da Silva Reis

Gabriel dos Santos Pereira Neto

Karla Beatriz da Silva Fernandes

Lucival Aristeu Rodrigues da Conceição

Maurício Leonardo Queiroz Madureira

Oliver Matheus Santiago Araújo

Patrícia das Chagas Santos

Paula Gisele Furtado da Costa

Roger Lean Gadelha Cunha Bezerra

Victor Augusto dos Reis Antunes



APRESENTAÇÃO

Esta publicação é resultado do trabalho de pesquisa do Grupo "Meio Ambiente e Cultura", do Clube do Pesquisador Mirim, do Museu Goeldi.

O desafio de 20 estudantes de 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental foi, a partir do referencial teórico trabalhado nos encontros semanais do grupo, escolher uma comunidade ribeirinha próxima à capital do Pará, a cidade de Belém, que dentre as suas características ainda mantivesse, de forma muito presente em seu cotidiano, o uso dos recursos naturais.

A partir de agora, o leitor conhecerá a história, a cultura e o modo de vida de uma comunidade remanescente de quilombo, localizada no município do Acará, no estado do Pará: a comunidade de Itancuã Miri.

Para se chegar às informações apresentadas nesta cartilha, o grupo de pesquisadores mirins contou com o apoio efetivo de muitas pessoas. Foram realizadas três visitas à comunidade de Itancuã Miri. Na primeira, os instrutores do grupo apresentaram a proposta de trabalho de pesquisa à comunidade e buscaram a parceria das lideranças locais. A intermediação e apoio de Eliete Santana de Carvalho (Necy) foi fundamental, pois apresentou ao grupo os senhores José Maria Alves (Zeca) e Santana de Deus Belém, lideranças comunitárias que participaram ativamente do processo de titulação das terras de Itancuã; e o jovem presidente da Associação Santa Maria do Itancuã Miri, Rogério Galiza da Silva. Este momento foi fundamental para se estabelecer a real possibilidade do estudo investigativo, e algumas atividades foram realizadas: listagem das necessidades da pesquisa em si, indicação de nomes de possíveis informantes e orientações quanto ao apoio logístico na comunidade durante a visita dos pesquisadores mirins.

No segundo momento, a equipe de instrutores definiu a listagem dos informantes e fez convite aos mesmos. Solicitou à professora Fátima de Nazaré Galiza Barros para indicar e convidar alguns jovens da comunidade a serem entrevistados pelos pesquisadores mirins do Clube.

Na visita de campo propriamente dita, as equipes de trabalho foram divididas da seguinte forma: um grupo de pesquisadores mirins aplicou, em duplas, os questionários para os jovens, enquanto que os demais realizaram as entrevistas com os informantes adultos da comunidade. O conjunto de atividades realizadas ao longo dos meses: levantamento bibliográfico e documental, palestras e participação nas aulas, somadas ao material coletado nesta visita, serviram de base para a elaboração deste material didático.

Nas páginas a seguir, você conhecerá o cotidiano desta acolhedora comunidade rural: sua gente, ambiente, costumes, história e memória. Bem-vindos a Itancuã Miri!

Hilma Cristina Maia Guedes

Instrutora do grupo: Meio Ambiente e Cultura
Clube do Pesquisador Mirim – Museu Goeldi



UM CAPÍTULO À PARTE

os autores das histórias contadas na cartilha...

A criação desta publicação só foi possível graças à colaboração carinhosa de alguns moradores de Itancuã Miri. O conhecimento e, acima de tudo, a satisfação com que esses personagens bastante conhecidos e respeitados no lugar onde vivem, estão registrados nesta cartilha: suas histórias, memórias, saberes e fazeres, típicos de uma comunidade remanescente de quilombo.

José Maria Alves

O Zeca, como é popularmente conhecido na região, foi nosso primeiro contato em Itancuã Miri e fundamental para a realização do trabalho de pesquisa do grupo. Zeca é um líder comunitário nato, agricultor rural e grande conhecedor das histórias aqui registradas. Quando algum grupo de pessoas chega à comunidade, a casa do Zeca é o lugar de acolhida inicial. Ele ajudou a fundar a Associação dos Moradores de Itancuã, em 1989, e faz parte da coordenação das festas católicas, enfim, uma liderança local bastante conhecida, que com o seu modo tranquilo de falar, deu ao grupo todos os detalhes da história de luta da comunidade durante o processo de titulação das terras. Zeca nos encantou contando as lendas locais, falou da formação histórica inicial de Itancuã Miri, além de dar ao grupo uma aula sobre agricultura, produção de farinha e seus derivados, sempre acompanhado da fala mansa e do sorriso acolhedor que lhe são peculiares.

Fátima de Nazaré Galiza Barros

Fátima é uma das professoras mais antigas da comunidade e responsável pela coordenação da igreja, suas festividades e eventos religiosos. Foi a partir de sua interferência direta que conseguimos reunir os jovens, além de ceder o espaço escolar como base de apoio aos pesquisadores mirins. Suas informações extrapolaram o assunto previamente planejado para a coleta de informações. Além de falar das manifestações religiosas, auxiliou em muito outros aspectos, como a história, as lendas e os usos da natureza em Itancuã Miri.

Odiva Alves do Nascimento

A "Dona Batinha" é conhecedora de muitas histórias. Sua entrevista foi longa e especial. Primeiro pela disposição em nos receber, e depois porque falou com desenvoltura em todas as temáticas tratadas nesta publicação. É produtora de farinha e participa das manifestações tradicionais. Com muita simplicidade e simpatia, apresentou-nos seu quintal, com criação de animais, muitas árvores frutíferas e plantas medicinais, a casa de farinha e todos os artefatos usados na produção da mesma, sem falar nas lendas e na história da comunidade, gravadas em suas lembranças, que, com carinho, compartilhou essas informações com os pesquisadores mirins.

Raimunda Carolina Barros

É a merendeira da escola. A princípio não constava como informante no planejamento inicial da pesquisa de campo. Sua função era apenas preparar o almoço dos pesquisadores mirins, mas este contato propiciou a sua inclusão no grupo de informantes, pois, além demonstrar interesse em auxiliar, foi possível perceber que a sua vivência na comunidade enriqueceria a pesquisa, tanto na história quanto nos usos sociais dos recursos naturais. Seu engajamento nas manifestações religiosas e até mesmo suas preocupações com relação ao futuro da comunidade, estão aqui registradas como testemunho de sua vida em Itancuã Miri.

Teodorico Araújo e Deusarina da Conceição S. de Araujo

Casal simpático e acolhedor, que apesar da timidez inicial, prestou informações importantes para a elaboração da cartilha. Assim como outros moradores, também participam de muitas atividades na comunidade. D. Deusa, por exemplo, é responsável pela Associação de Mães e organiza eventos e manifestações religiosas. São produtores de farinha e seu Teodorico inclusive já foi presidente da Associação de Moradores. Seus relatos valiosos foram organizados e agora se tornam conhecidos de todos.

Maria Julieta Monteiro de Belém

Segundo ela conta, quando fez um curso de parteiras juntamente com pessoas de outras comunidades, a professora falou que ela "era a única que estava realmente pronta para realizar a função de parteira e, depois disso, começou a fazer todos os partos na comunidade". Hoje, por dificuldades na visão, não realiza mais esta atividade. Muito tímida, mas simpática, D. Julieta não se recusou a gravar a entrevista, mas, ainda assim nos presenteou com informações valiosas registradas no bloco de anotações, sobre vários aspectos abordados nesta cartilha.



INTRODUÇÃO

Que tal conhecer uma comunidade ribeirinha remanescente de quilombo?

Nosso grupo de pesquisadores mirins convida o leitor a fazer uma viagem a um lugar próximo a Belém, com características muito interessantes. Trata-se de uma comunidade ribeirinha, formada por descendentes de negros que habitam na região amazônica há muitos anos. São agricultores rurais, que fazem uso dos recursos naturais em todas as suas atividades cotidianas: a comunidade de Itancuã Miri.



Ao longo da cartilha, serão apresentados vários conceitos tratados nos encontros do Grupo Meio Ambiente e Cultura, como meio ambiente, cultura, a presença negra na Amazônia, bem como tornar público alguns detalhes da comunidade remanescente de quilombo – Itancuã Miri, localizada no município do Acará, no estado do Pará: sua história, sua gente, seu ambiente, sua localização, sua cultura, enfim, um apanhado geral de informações que servirão de fonte de pesquisa a seus moradores e de inspiração aos que pretendem conhecê-la.

A parte I desta cartilha apresenta as características físicas, os meios de acesso, os costumes, as crenças, as apropriações simbólicas da natureza (lendas, mitos), as práticas de trabalho e de manejo da natureza (técnicas agrícolas, usos sociais dos quintais, confecções dos artefatos etc.) no dia a dia da comunidade, foram levantadas a partir do Projeto de Pesquisa Saberes locais, meio ambiente e juventude: um estudo na comunidade de Itancuã Miri/Acará-Pará, cujo resultado é mostrado nesta cartilha.

Estas descobertas são apresentadas numa linguagem simples, distribuídas em capítulos, com as falas dos informantes (moradores mais antigos). A escolha dos assuntos trabalhados nesta cartilha levou em consideração os aspectos da comunidade pouco compreendida e, por vezes, desconhecida de alguns jovens entrevistados que moram em Itancuã Miri.

Assim, a **Parte II** refere-se aos resultados dos questionários aplicados junto aos jovens da comunidade, que permeiam os capítulos apresentados na Parte I desta publicação.

Esperamos que esta cartilha, juntamente com o Jogo Educativo "**Passeio em Itancuã Miri: para conhecer sua gente e seu ambiente**" possam servir tanto de subsídios didáticos na escola local, quanto aos seus moradores, para que façam uso destas informações, assim como ao público interessado pelo dia a dia dessa comunidade, ou seja, o objetivo do grupo é socializar os conhecimentos descobertos a partir dos estudos realizados.





PARTE I
PARA CONHECER SUA GENTE E SEU AMBIENTE



Por que nosso grupo escolheu realizar estudos numa

COMUNIDADE NEGRA?

Quando se fala em Amazônia, a primeira imagem humana que vem a cabeça de muitos brasileiros é de populações indígenas. Sabemos que a presença negra na região amazônica data de muitos anos. Assim, faremos um parêntese para contar um pouco desta história, muitas vezes esquecida e até desconhecida de muita gente, o que, de certa forma, motivou-nos a fazer um estudo em uma dessas comunidades, mais especificamente Itancuã Miri, pertencente à Região Guajarina.

Como os negros entraram no Pará?

Os africanos fazem parte da população brasileira desde a época colonial. No Pará, eles chegaram ainda no século XVI, só que de forma irregular, por meio de encomendas que os fazendeiros e comerciantes locais faziam aos navios negreiros que chegavam pelo Porto de São Luís, no Maranhão.

Legalmente, foi apenas em meados do século XVIII, com a criação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão pelos portugueses, que iniciaram a importação de africanos escravizados para a Amazônia.

O que esses africanos escravizados vinham fazer na Amazônia?

Naquela época, eram os indígenas que faziam os trabalhos pesados e com a chegada dos africanos escravizados, foi feita uma divisão de tarefas: os índios realizam a coleta de frutos dentro da floresta e os transportes pela região; e aos negros cabia, principalmente, a lida nas lavouras de cana-de-açúcar e tabaco.

Vários fatores estimularam o envio dos africanos para a Amazônia, na qualidade de escravos. Aqui, como no resto do país, eles também foram tratados como mercadorias ou animais, principalmente nas relações sociais e de trabalho, ou seja, o negro era propriedade de seu senhor e não possuía qualquer direito.

Como em todo o Brasil, aqui os negros escravizados e seus descendentes também reagiram contra a sua escravidão. Eram vigiados pelos chamados capitães do mato, que castigavam e impediam a sua fuga. Mas, apesar dos cuidados, muitos fugiam das senzalas de seus donos e se embrenhavam na mata, onde se organizavam em comunidades, que ficaram conhecidas como quilombos ou mocambos.

Afinal, o que é um quilombo?

Para Treccani (2006), o sentido etimológico de quilombo é de origem Banta, africana, modificado a cada tempo e seria um "acampamento guerreiro na floresta". Eram aldeias que ficavam escondidas nas matas, em locais de difícil acesso, como alto de montanhas, grutas e matas fechadas. No Brasil, este nome foi dado ao lugar onde os africanos escravizados se refugiavam nas matas, também conhecido como mocambo. Lá, podiam praticar sua cultura, falar sua língua e exercer seus rituais religiosos, enfim, levar uma vida livre. Esses abrigos asseguravam a sobrevivência dos escravos, pois se constituíam de comunidades localizadas em pequenos vilarejos que praticavam atividades agrícolas.

Os seus habitantes, denominados de quilombolas, eram originalmente agrupamentos de ex-escravos fugidos de seus senhores desde os primeiros tempos do período colonial.

Quando esta história começa mudar?

Após a abolição da escravidão, em 1888, os negros deixaram de ser tratados juridicamente como "coisas" e passaram a fazer efetivamente parte da população. No entanto, a criação da Lei Áurea não extinguiu os preconceitos enraizados na nossa sociedade há séculos. Prova disso foram as dificuldades que o negro teve após a assinatura da lei para sobreviver, percebida ainda nos dias atuais.

Além da liberdade, os afrodescendentes precisavam de resoluções que lhes permitissem viver dignamente nesta terra que também é sua, sem discriminação, e com as pessoas reconhecendo sua importância na construção da sociedade brasileira.

E como fica o direito à terra desses moradores tão antigos dos ambientes rurais?

O reconhecimento de direitos específicos às comunidades quilombolas é algo relativamente recente no Brasil. O direito dos remanescentes de quilombos foi reconhecido pela primeira vez no ano de 1988, quando da promulgação da atual Constituição Federal, que no Artigo 68 das suas disposições transitórias determina: ART. 68 – Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos, que asseguram e conferem direitos específicos a este grupo social. Mas, apenas sete anos depois foi concedido este direito às terras aos descendentes de negros escravizados no Brasil.

As comunidades descendentes de africanos, nas duas últimas décadas, vêm se organizando em associações quilombolas, para reivindicar o direito à permanência e o reconhecimento legal de posse das terras ocupadas e cultivadas para moradia e sustento, bem como o livre exercício de suas práticas, crenças e valores. Este direito deve garantir não só sua moradia, mas também preservar a sua cultura e seu modo de vida. Hoje, o Governo Federal identifica 3.224 comunidades quilombolas em todo o território nacional.



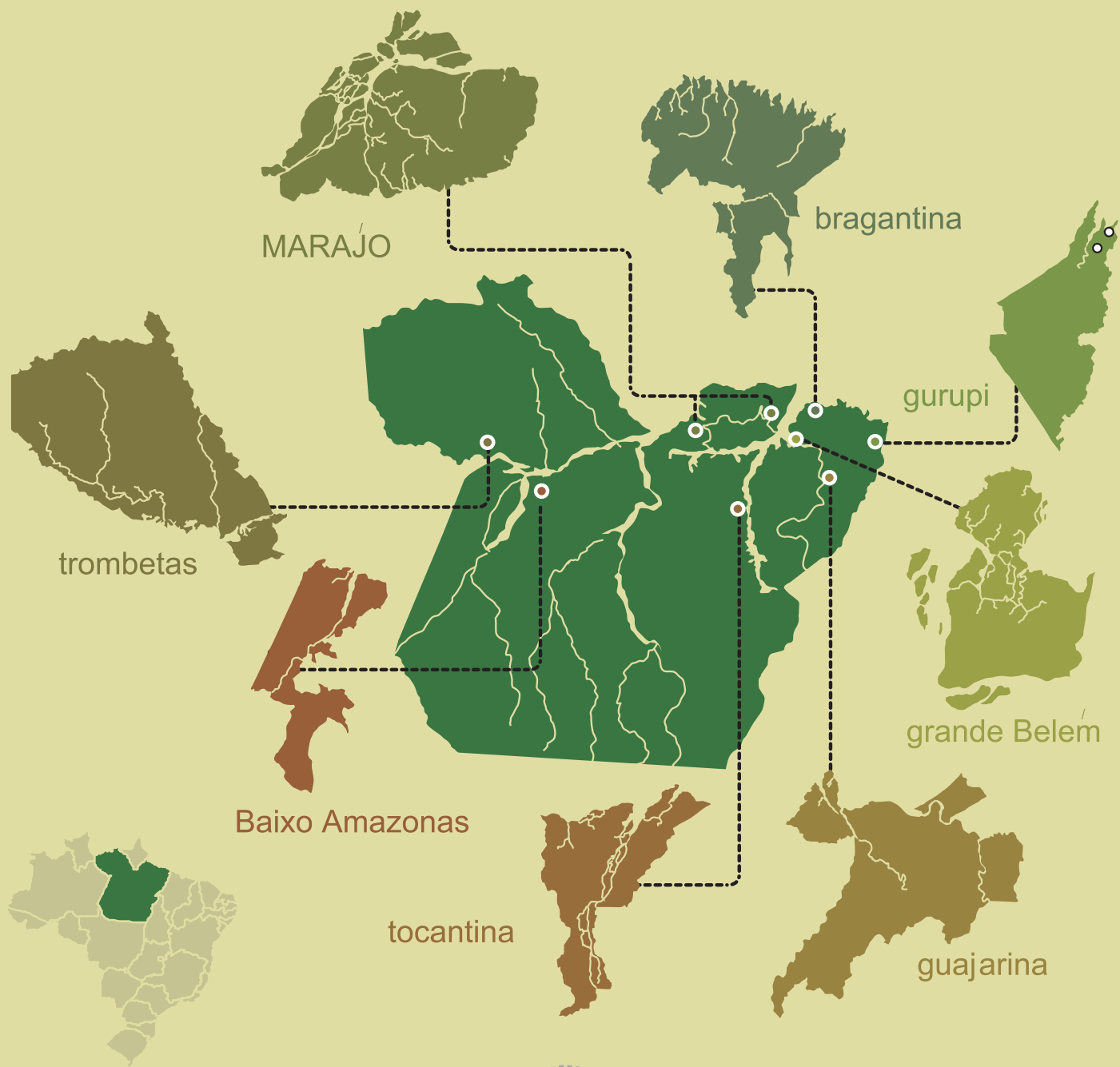
O que são comunidades remanescentes de quilombos?

A palavra "remanescente" designaria a princípio resíduo, vestígio, algo que existiu e ficaram apenas as lembranças. Assim, Comunidades Remanescentes de Quilombos seriam resquícios de uma identidade e de uma cultura que não existem mais. No entanto, a visão mais aceita seria de que os remanescentes de quilombos são grupos sociais que têm sua identidade ligada a um território, sua história e de seus descendentes, sua cultura, entre outros aspectos, relacionados ao povo que aqui chegou e foi escravizado ou como vestígios da época em que havia a exploração do negro como escravo. Existem as comunidades remanescentes de quilombo que, como o próprio nome já diz, são comunidades formadas por descendentes de negros.

Quantas e onde se localizam essas comunidades no estado do Pará?

Embora o emprego da mão de obra negra na Amazônia não tenha sido tão expressivo quanto em outras regiões do país, teve uma grande importância para a economia local, sendo utilizada nas atividades agrícolas e extrativistas, nos trabalhos domésticos e nas construções urbanas.

No estado do Pará, as comunidades remanescentes de quilombos são inúmeras e estão presentes em muitas regiões. Algumas delas já conquistaram a titulação de suas terras e outras ainda lutam por este direito. Veja a seguir as oito regiões do Pará onde existem comunidades quilombolas: Marajó, Bragantina, Gurupi, Tocantina, Baixo Amazonas, Trombetas, Grande Belém e Guajarina. Esta última é onde se encontra a comunidade que escolhemos para realizar o nosso trabalho de pesquisa: Itancuã Miri.



As Comunidades negras da Região Guajarina

Os negros foram trazidos no final do século XVIII e início do século XIX, onde os barões e membros da Coroa pretendiam ocupar novas terras para prevenir de ameaças estrangeiras. Registros informam que alguns quilombos desta região datam de 1790, onde o negro pôde adquirir experiências e aprimorar técnicas de luta contra a dominação de seus senhores.

Atualmente, são encontradas na região Guajarina as seguintes comunidades: Ipanema, São Judas, Santo Antônio, Curupere, Curuperezinho, Itancuã Miri, Cravo, Campo Verde, Dona, Guajará Miri e Galho. Na comunidade do Igarapé Jacarequara ficam as comunidades de Monte Alegre, Paraíso, Tapera, São José e Itapuama.



Conflitos pela posse da terra na região do Acará

Durante a década de 1970, com a construção da estrada PA-150, as terras desta região foram valorizadas, dando início à disputa entre fazendeiros, pois se diziam donos das mesmas, entrando em conflito com os antigos ocupantes quilombolas. Assim, os habitantes de várias comunidades do Baixo Acará passaram por situações de despejos, ameaças e destruição de suas casas e roças. A partir daí, essas comunidades quilombolas se organizaram e começam a luta em defesa da terra onde moram. Enfim, iniciam luta por seus direitos.

Por que Itancuã Miri é considerada uma comunidade remanescente de quilombo?

A origem dos quilombos, de uma forma geral, relaciona-se com o processo de resistência ao regime de escravidão negra que vigorou no Brasil por três séculos. Estes grupos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos e estratégias de resistência: as fugas, com ocupação de terras livres; o recebimento de terras por herança, doação ou como pagamento de serviços prestados ao Estado; a compra de terras; ou ainda a permanência nas áreas que ocupavam e cultivavam no interior de grandes propriedades. Possivelmente, o começo do povoado de Itancuã Miri, segundo relatos de seus moradores mais antigos, tende a ter origem nestes últimos critérios, considerando, ainda, a própria história da comunidade, enquanto espaço em que negros escravizados, mesmo após a libertação, trabalhavam para os donos das fazendas, seus antigos senhores.

FALA COMUNIDADE

"... nossa comunidade é descendente de quilombo. A gente não sabia o que a gente era, mas nos sabíamos que tiveram escravos aqui que vieram da África pra cá para trabalhar..." (D. Batinha)

"... é uma comunidade tradicional, é identificada como uma comunidade remanescente de quilombo, uma comunidade quilombola, porque o primeiro dono daqui foi um capitão, e ele realizou um trabalho com mão de obra escrava..." (Zeca)

"... meus avós eram escravos naquele tempo. Já o meu pai não foi escravo – ele não era dessa época, ele era somente descendente de escravos. E agora a gente trabalha com roça, no roçado..." (D. Raimunda Carolina)





A COMUNIDADE DE ITANCUÃ MIRI

em detalhes

Onde fica?

A comunidade remanescente de quilombo "Itancuã Miri" é constituída por 96 famílias que sobrevivem basicamente do uso de seu ambiente e faz parte da Associação Remanescente de Quilombo Filhos de Zumbi.

Está situada no município do Acará, localizado no nordeste do estado do Pará, na região conhecida como Baixo Acará, na margem direita do rio Guamá, a aproximadamente 13 km de distância em linha reta de Belém.

Nesta mesma região, também são conhecidas as comunidades de Guajará, Igarapé, Jacarequara, Espírito Santo, Carananduba – também remanescentes de quilombos.

Porque o nome Itancuã Miri?

A origem do nome, segundo contam os moradores, refere-se à denominação da fazenda Itanquam, na qual seus familiares trabalhavam.

Trata-se de um nome de origem indígena, possivelmente do tronco linguístico Tupi. A junção das palavras tem o seguinte significado: ITA = pedra; NCOÃ = amarela e MIRI ou MIRIM = miúda, pequena. Ou seja, etimologicamente falando, seria a comunidade "Pedra amarela miúda" ou "Pequena pedra amarela".

FALA COMUNIDADE

"... a partir da época em que nos descobriram como remanescentes de quilombo, também nos disseram que a palavra ITANCOÃ tem um significado. Segundo meus conhecimentos, a palavra se divide: ITA-pedra, NCOÃ-amarela, e MIRIM/MIRI-miúda. Então, ITANCOÃ MIRIM seria: PEDRA AMARELA MIÚDA" (Profa. Fátima)

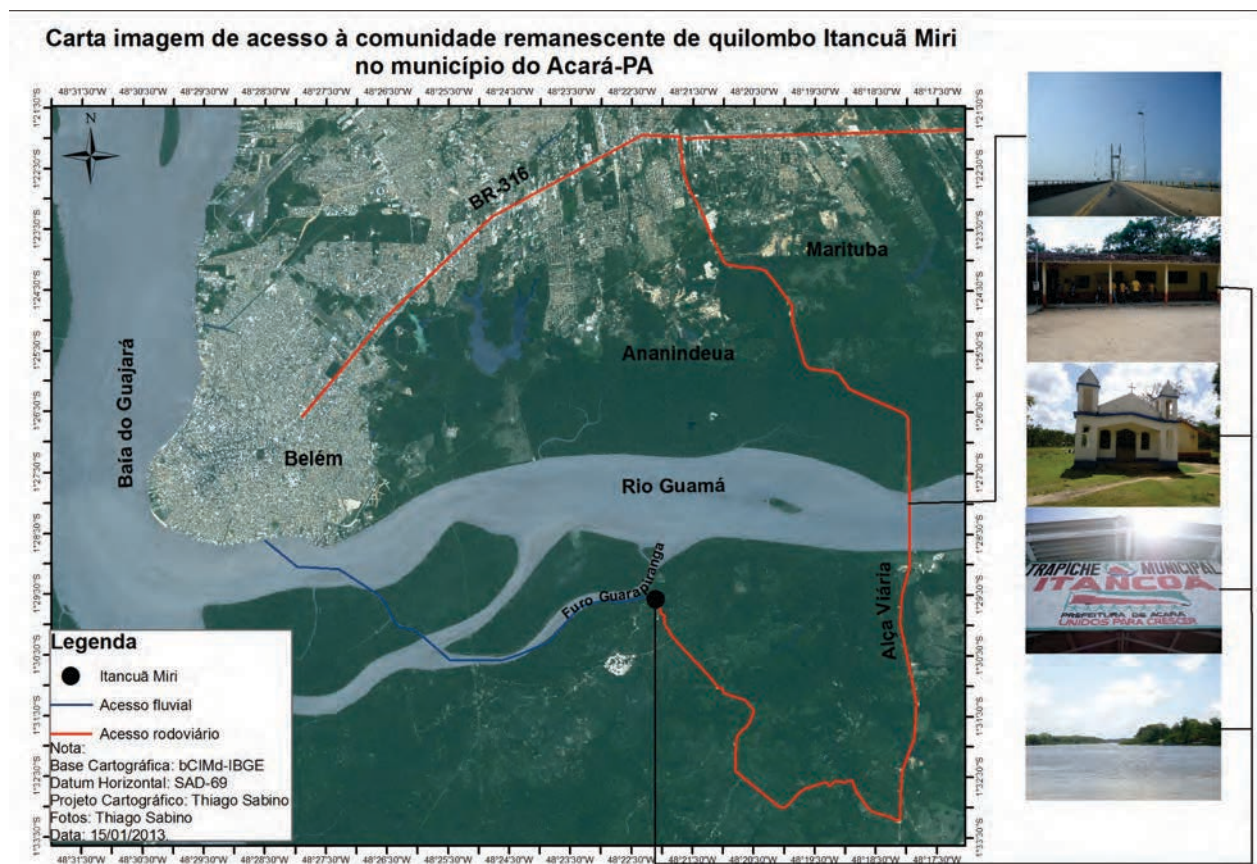
"... foi feito um levantamento pra descobrir o significado, e eles passaram pra gente que esse nome ITANCOÃ MIRIM significa: PEDRA AMARELA MIÚDA. A palavra se divide: ITA-pedra, NCOÃ-amarela e MIRIM/MIRI-miúda, segundo eles, "diz que" teria ouro por aí, mas a gente ainda não achou esse minério..." (Zeca)



Como chegar lá?

É possível chegar a Itancuã Miri de duas formas: por via fluvial e também por via terrestre.

Por via Fluvial (pelo rio): saindo de barco de Belém pelo "Porto da Palha", localizado no bairro da Condor. Segue pelo rio Guamá no sentido sudeste, corta o furo do Benedito e entra no Furo Guarapiranga. A viagem dura entre 45 minutos a 1 hora, dependendo da maré. Guarapiranga.



Por via Terrestre: saindo de Belém pela BR 316, segue até a Rodovia da Alça Viária, e de lá segue até o Km 21 e entra à direita no ramal da Boa Vista, conhecido como "Areial". Percorre-se uns 12 km e chega-se à comunidade de Itancuã. O tempo de viagem varia de acordo com o tipo de condução. Se for em carro particular, dura em média 1 hora e 10 minutos.

Um pouco da história comunidade remanescente de quilombo Itancuã Miri

A origem da comunidade está ligada aos vários engenhos de cana-de-açúcar que existiram ao longo dos séculos XVIII e XIX nas proximidades de Belém, às margens de rios como o Guamá, o Bujaru, o Acará e o Moju. A comunidade remanescente de quilombo Itancuã Miri, foi formada no final do século XIX e, como dito anteriormente, é um exemplo de comunidade que não foi constituída de negros fugidos de seus senhores.

No local onde hoje a comunidade está instalada, existia a fazenda Itanquã, onde negros trabalhavam como escravos. Após a abolição da escravatura e a morte do proprietário, o coronel Antonio Clemente Maciel de Farias, seus descendentes arrendavam as terras para estes antigos escravos da fazenda, que finalmente se estabeleceram no local até os dias de hoje.

No site cpisp.org.br (Comissão Pró-Índio de São Paulo), existem referências sobre a história dos negros que moram nesta região. A fala do quilombola José Carlos Galiza, morador da comunidade Guajará, indica Itancuã, assim como Guajará Miri, como exemplos de comunidades quilombolas que não foram formadas por escravos fugidos: ... "Itancuã e Guajará não são comunidades de negros fugidos. Eram fazendas de escravos e a gente, por causa da abolição e da falência dos proprietários, ficou lá, permanecemos lá. Tinha a senzala, a casa grande ...".



Segundo relatos orais de moradores, durante a existência da fazenda os negros desenvolviam trabalhos numa olaria que ficava localizada na própria terra da fazenda, onde trabalhavam na produção de telhas e tijolos, além de realizarem serviços nos antigos canaviais. Vestígios da existência destas atividades no passado estão presentes nas falas dos depoentes, como mostram os trechos a seguir:

FALA COMUNIDADE

"... no tempo dos meus avós, aqui era uma fazenda que tinha alguns coronéis. Eles eram os donos da terra e eram brancos. Dizem que o pessoal (negros), 'penavam nas mãos dele' e que tudo tinha que ser pago. Pagavam pra morar, pagavam pra fazer uma roça, tudo era pago com dinheiro; ou se fizessem uma roça, tinham que pagar com farinha, se produzisse, o que a gente chama de "tarefa", tinha que pagar com "X" de farinha (valor cobrado por produção da farinha) ..." (D. Batinha).

"... a mão de obra escrava trabalhava numa olaria, que hoje em dia nós chamamos de cerâmica, e também um canavial". (Zeca)

"... Eu conheci a casa que foi utilizada pelo coronel. Lá tinha senzala, tinha muro, tinha muita coisa que identificava. Tinha também a caldeira da olaria. Tudo isso existia, mas, como eram de ferro, teve uma época que esses materiais foram vendidos como sucata... Hoje ainda encontra alguns cacos de cerâmica, o "pé" onde ficava apoiada a caldeira... Infelizmente a gente não tem mais as ruínas da casa grande, que seria muito bom para a comunidade..." (Zeca)



FALA COMUNIDADE

"... nós perdemos um patrimônio que a gente tinha aqui, "uma casa grande". Nós perdemos um patrimônio que era nosso e servia pelo menos pra mostrar hoje o que nos tínhamos aqui, que foi fruto do trabalho dos escravos e essa casa foi destruída. Eu lembro bastante da casa grande, mas não tenho como mostrar pra ninguém porque as lembranças estão só na minha cabeça..." (D. Batinha)

"... ainda existem lá na beira do rio uns rastros da origem de quando aqui era um quilombo, restos de seixo e marcas de habitações antigas. Lá tinha uma casa grande, uma olaria..." (Seu Teodorico)

"... naquela época, os escravos trabalhavam no roçado e também trabalhavam na olaria que ficava no caminho do porto, fazendo tijolo, telhas..." (D. Raimunda Carolina)

"... tínhamos aqui na comunidade, no caminho do porto, "uma casa-grande", que apontava todas as características de que aqui realmente aconteceu a escravidão. Segundo os mais antigos, essa casa foi construída com a ajuda dos escravos que viviam aqui..." (Profa. Fátima)



FALA COMUNIDADE

"... a gente começou a trabalhar pelo título, depois que fomos descobertos como quilombolas, pelo trabalho da professora Rosa, da Universidade Federal (UFPA), que fez um levantamento, um estudo sobre as nossas origens. E ela pesquisou a fundo até descobrir a nossa descendência, então nos fomos atrás do título de comunidade quilombola! E começou a melhorar algumas coisas". (D. Batinha)



Infraestrutura e aspectos gerais da comunidade

No núcleo central da comunidade de Itancuã, encontram-se diversas casas. Algumas em alvenaria e outras feitas de madeira, dispostas com certa proximidade umas das outras, e também de fácil acesso ao rio e a algumas tabernas (pequenos comércios locais).

Possui um trapiche (sobre o furo Guarapiranga), acesso da comunidade para quem utiliza o barco como meio de transporte ou despacho dos produtos para serem comercializados, como o carvão, a farinha de mandioca e as frutas.

Nos quintais é possível encontrar algumas formas de cultivo, muitas árvores frutíferas, onde predominam o açaizeiro e o cupuaçuzeiro, algumas plantas de uso medicinal e hortaliças, sendo esta última apenas para o consumo familiar.

As famílias possuem criações de animais de pequeno (aves) e médio (suínos) porte; e em algumas residências observou-se a existência de animais de estimação, como cachorros e gatos.

Itancuã possui um posto de saúde, que atende a comunidade nos procedimentos básicos e essenciais, por técnicos de enfermagem e agentes de saúde, além de uma escola multisseriada.

Os espaços de lazer contam com um campo de futebol, uma quadra de esportes na escola, um salão de festas/barracão comunitário, uma igreja católica, uma evangélica, um trapiche e dois igarapés, sendo o pequeno denominado "igarapezinho" e um maior, conhecido como "piscina".



Mas especificamente, neste núcleo central encontramos o barracão comunitário onde acontecem reuniões, as festividades e outros eventos programados pela comunidade ao longo do ano. Fazem parte deste núcleo os espaços que servem para venda durante as festividades e uma grande área livre, aberta no entorno.

Educação em Itancuã Miri ...

De maneira geral, nas comunidades rurais, como é o caso de Itancuã Miri, as escolas possuem classes multisseriadas, ou seja, os alunos de idades e níveis de escolaridade diversos são instruídos por uma mesma professora.

A educação escolar das crianças é iniciada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Pinto, que possui cinco professores (todos com graduação) e uma merendeira. Segundo relatos da professora Fátima, a escola data dos anos 1960, e hoje conta com aproximadamente 100 alunos matriculados. Atende alunos da educação infantil e de 1ª a 4ª séries, ou seja, o ensino fundamental básico nos turnos manhã e tarde. No turno da noite funciona a Educação de Jovens e Adultos-EJA, para pessoas que passaram da idade escolar no ensino regular.



Por se tratar de um lugar com infraestrutura organizada, a escola serve de palco para reuniões diversas, realização de cursos e eventos como os jogos quilombolas.

Para continuidade aos estudos, os alunos precisam se deslocar em ônibus escolar para a escola Polo, na comunidade de Boa Vista, que recebe alunos da região, que cursam da 5ª até a 8ª séries do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Estes outros seguem para a capital, Belém. Acordam cedo e viajam no barco escolar (saída às 6 horas da manhã e retornam às 13 horas). Em geral, estudam na Escola Estadual Monsenhor Azevedo, Paulo Maranhão ou Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Edgar Pinheiro Porto. Todos enfrentam enormes dificuldades, no que diz respeito ao deslocamento, para melhorar seus estudos e, assim, vislumbrar a possibilidade de um futuro melhor.



FALA COMUNIDADE

"... antigamente as crianças estudavam até a 4ª série e paravam de estudar. Depois que Boa Vista começou a aceitar alunos de outras comunidades, os nossos alunos passaram a estudar lá, quando terminam a 4ª série..." (Profa. Fátima)





Patrimônio Cultural de **ITANCUÃ MIRI**

Para os estudiosos, a cultura tem significado amplo, engloba os modos comuns e aprendidos da vida, transmitidos pelos indivíduos e grupos em sociedade. Todas as sociedades sejam elas rurais ou urbanas, simples ou complexas, possuem cultura, ou seja, todo indivíduo que vive em sociedade é provido de cultura.

Conheça alguns conceitos relacionados à cultura, para uma melhor compreensão do fazer cultural da comunidade de Itancuã e os usos dos recursos do meio ambiente que estão a sua volta, ou seja, o seu modo de viver nesta comunidade.

Conceituando cultura...

A cultura de um povo é formada por vários elementos, engloba as normas de conduta e de pensamento aprendidas e partilhadas, que são características de uma sociedade ou de um grupo social.

Assim, a cultura abrange a maneira de viver de um povo (ser, pensar e sentir), como crenças, ideias, valores, danças, festas populares, alimentação, modo de se vestir, entre outros fatores. A cultura é transmitida de geração em geração e demonstra aspectos locais de uma população, ou seja, é a herança que o grupo transmite a seus membros através da aprendizagem e da convivência social.

Enfim, cultura é tudo aquilo que recebemos do ambiente social em que nos criamos e desenvolvemos. Está presente em todas as partes do mundo, e é formada por um conjunto de elementos que podem ser Material ou Imaterial. Veja a seguir o que são estes elementos e de que forma eles estão presentes em Itancuã Miri.

A cultura pode ser Material...

Quando os objetos manufaturados, artefatos e instrumentos de uso individual ou coletivo são utilizados dentro de um grupo, uma comunidade, ou seja, é o conjunto de materiais concretos que formam o ambiente de cada sociedade.

A cultura material abrange os tipos de moradias, as ferramentas, os instrumentos ou qualquer objeto que caracterize o padrão de vida de uma sociedade, tais como as casas, os móveis, a ponte, o barco, o artesanato, o vestuário, ou seja, todo e qualquer objeto resultante da transformação da natureza pelo homem para uso no seu cotidiano.

Exemplos da Cultura Material de Itancuã Miri

Estes elementos, na comunidade de Itancuã, podem ser desde as moradias e demais construções, os brinquedos, o barco usado pela comunidade como meio de transporte, a canoa e o remo, dentre outros. No campo sagrado, consideramos a igreja e todos os objetos sagrados (imagens, objetos dos rituais, oferendas), os vestuários e os santuários utilizados nas festas religiosas, o barracão comunitário que abriga a parte profana das festividades etc. No campo dos usos dos recursos da natureza para a cura de enfermidades, considera-se o chá, a infusão e o óleo como elementos da cultura material. E, por fim, nas atividades cotidianas de trabalho, tem-se como exemplo os instrumentos usados para coleta do açaí (a peconha, a rasa, a peneira, a máquina de fazer o vinho etc.), a casa de farinha e todos os seus utensílios (cocho, tipiti, peneira, forno, rodo etc.), além dos produtos advindos deste trabalho, como a farinha, o tucupi, a goma e a tapioca, que são utilizados no dia a dia da comunidade, seja para uso familiar ou para venda.



A cultura pode ser Imaterial...

Quando se refere ao conjunto de tradições e conhecimentos culturais (costumes, festas e manifestações populares, crenças, lendas) que podem ser transmitidos oralmente ou através de gestos de indivíduo para indivíduo e de geração para geração, bem como o "saber fazer" de determinados elementos da cultura material.

Fazem parte dela as crenças, a fé, as orações, as preces, os conhecimentos, os valores, os hábitos, as músicas, as danças, as normas, os costumes, as ideias, os comportamentos, as aptidões, os significados, as cantigas de rodas, entre outras coisas. Enfim, a cultura imaterial de um lugar é marcada pelo "fazer e saber fazer" característicos, que permeiam as tradições desse povo ou grupo social.

Exemplos da Cultura Imaterial de Itancuã...

Como exemplos do "saber fazer" de Itancuã Miri, pode-se considerar as técnicas de construção de suas moradias, dos meios de transportes, dentre outras. Quando se refere à aptidão muito comum nesta comunidade, ou seja, a roça da mandioca e a produção de farinha, são exemplos de cultura imaterial as técnicas de uso do solo, o conhecimento de como produzem a farinha e todos os seus derivados.

Outros elementos da cultura imaterial do local são as ladainhas, as receitas de pratos típicos, os passos das danças regionais, o modo de cultivo das espécies frutíferas, como as plantas e ervas são utilizadas, onde são encontradas e o modo de preparo dos remédios caseiros usando as espécies medicinais; os passos das danças, as brincadeiras, as lendas e mitos contados pelos mais velhos, entre outros elementos que não podem ser tocados, mas cujos conhecimentos são passados de geração a geração, e fazem parte da tradição do lugar.

As Festas Religiosas de Itancuã Miri

A religiosidade do povo paraense é muito intensa e as festividades e celebrações acontecem em todos os municípios. Na comunidade de Itancuã Miri não poderia ser diferente.

As manifestações religiosas estão presentes em festividades que fazem parte de uma tradição do local e que envolvem, além de moradores, outras comunidades vizinhas que prestigiam os eventos, que até os dias de hoje preservam sua tradição e existência. Essas manifestações já são realizadas há bastante tempo, e apesar de fazerem parte de uma tradição local, estão sofrendo mudanças, e aos poucos vão ficando diferentes com o passar do tempo. Então, vamos conhecê-las:



A Festa da Padroeira de Itancuã Miri – Nossa Senhora de Monte Serrat

A igreja católica de Itancuã é dedicada a Nossa Senhora de Monte Serrat, palco de missas e novenas celebradas por seus moradores. Nossa Senhora de Monte Serrat é a santa de devoção dos católicos do povoado e a festividade em homenagem à padroeira é realizada anualmente no mês de fevereiro, onde os comunitários saem em procissão em homenagem à santa.

Nos dias de hoje, segundo depoimentos, como a procissão conta com a presença de um padre, a festa religiosa acontece no primeiro domingo de fevereiro. Consta de uma missa, uma procissão pelas ruas da comunidade e, em seguida, a festa profana, uma confraternização entre os participantes. Esta comemoração acontece no barracão comunitário, onde são vendidas comidas típicas e bebidas para arrecadar fundos em prol das melhorias na igreja.

Segundo relatos de uma moradora antiga, a imagem da Santa foi encontrada ainda na época da escravidão, por um negro que estava pescando próximo ao porto, num lugar conhecido como "pedreira". Ele retirou a Santa do lugar de origem, levou para outro local, e no dia seguinte a imagem havia desaparecido. Por alguns dias o mesmo fato se repetiu, até que decidem chamar um padre para benzer a imagem, colocaram-na em uma capela na "casa grande" e quando demoliram esta casa, foi construída a atual igreja da comunidade. E, por esse motivo, passou a ser considerada a padroeira do lugar.



FALA COMUNIDADE

"... de vestígio daquela época nós temos uma imagem de Nossa senhora de Monte Serrat... Ela foi encontrada por um escravo que foi pescar aqui, próximo ao porto, em um lugar que a gente chama de pedreira. Ele pegou e colocou em uma casa e quando foi de manhã ela não estava mais nessa casa, e assim aconteceu por três dias. Então, chamaram o padre pra benzer a santa e colocaram ela numa capela muito bonita que tinha lá na casa grande. Quando demoliram esta casa, trouxeram ela pra cá, depois que construíram a igreja colocaram ela lá e até hoje ela está na nossa igreja. Ela é a nossa padroeira!" (D. Batinha)

"... Dia 2 de fevereiro nós temos a festa da Nossa senhora de Monte Serrat, só que como hoje vem um padre fazer a missa, a gente não faz a festa no próprio dia; faz a festa no primeiro domingo de fevereiro. Nesse dia tem a missa, a procissão e depois a gente faz um domingo alegre pra arrecadar dinheiro pra nossa igreja, que é pequena mas, "Graças á Deus", nos já conseguimos forrar ela, já trocamos o piso, as portas e janelas. Já conseguimos deixar ela "mais ou menos" (D. Batinha)

"... e quando termina todo aquele movimento da igreja, nós colocamos as vendas lá no barracão, e aquele dinheiro que é arrecadado nesse dia é em prol da igreja, pra gente realizar um trabalho lá ..." (D. Raimunda)





A Festividade de Santa Maria

No mês das mães, no penúltimo domingo de maio, acontece a festa religiosa em homenagem à Santa Maria. Trata-se de uma das comemorações religiosas mais antigas da comunidade. Este evento religioso é organizado pela família Alves, como fala a D. Batinha, responsável pelos detalhes da festividade. Acontece em dois momentos distintos, como mostramos a seguir:

O primeiro momento é a realização da procissão, onde os fiéis seguem a imagem da santa pela comunidade e, em seguida, é celebrada a missa, com a presença de um padre na Igreja de Nossa Senhora de Monte Serrat. Após estas celebrações, a família responsável pela festa convida os participantes para um almoço, que acontece no barracão comunitário. Em seguida, as pessoas costumam se divertir conversando, brincando e jogando bingo. Segundo relatos, faz parte da tradição da festa oferecer um café da manhã aos fiéis que chegam cedo para a procissão, vindos das comunidades vizinhas, das ilhas e da capital Belém. A segunda parte refere-se à festa dançante, que acontece no sábado seguinte e vai até domingo. Os festejos de Santa Maria fazem parte de uma tradição familiar passada de geração para geração. É o que nos conta uma das depoentes.

FALA COMUNIDADE

"... a festa religiosa de Santa Maria é realizada no penúltimo domingo do mês de maio, e eu sou a coordenadora dessa festa. É uma santa de família (Alves), que era da minha avó... Sai a procissão, vem o padre rezar a missa lá na igreja, depois a família e um grupo da comunidade me ajuda a fazer o almoço e serve pra todo mundo. No sábado seguinte, acontece outra festa dançante, que vai do sábado para o domingo. Elas são separadas assim que é pra não misturar. Esta é o meu filho e a minha irmã que organizam..." (D. Batinha)

"É no barracão que a gente serve o café pro povo que vem chegando de manhã cedo, porque vem muita gente de outras comunidades, vem de Belém e de outros lugares e chega cedo para tomar café com beiju. Então sai a procissão, depois tem a missa, o almoço e logo depois tem um bingo; o resto do dia a gente passa brincando e conversando" (D. Batinha)



Outros eventos religiosos fazem parte da cultura de Itancuã. Dentre elas, cabe destacar a de São Sebastião que, segundo relatos, é também uma festa organizada por uma família específica da comunidade. Ela acontece todos os anos, no dia 20 de janeiro e, com o passar do tempo, sofreu algumas modificações, pois no passado a procissão era realizada à noite e atualmente acontece durante o dia. Ao final, a família organizadora da festa oferece aos participantes um almoço de confraternização.

Durante o mês de maio são realizadas algumas novenas na comunidade; e uma das tradições é o mingau, que pode ser de milho ou de tapioca, servido aos fiéis, ao final da reza.

No mês de outubro, no período que antecede o Círio de Nazaré, assim como em Belém e outros locais da região, a comunidade de Itancuã organiza a peregrinação da imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Algumas famílias católicas da comunidade recebem esta visita abençoada e preparam a sua casa de forma especial para recebê-la. As rezas acontecem nas casas de alguns moradores, e servem para refletir, agradecer à santa e se preparar espiritualmente para o Círio.



As danças de Itancuã Miri...

São apresentadas de acordo com o calendário anual, ou seja, as quadrilhas, o carimbó e outras danças acontecem durante a quadra junina. E participam os estudantes da Escola Municipal Francisco Pinto.

Segundo relatos da professora Fátima, as danças de origem africana já fizeram parte das manifestações folclóricas de Itancuã, mais especificamente da Escola, onde os adolescentes se apresentavam com instrumentos específicos, como tambor e chocalho. Os trajes eram confeccionados com matéria-prima regional, como cuias e palhas. Infelizmente, estas danças já não acontecem, pois as pessoas participantes casaram ou se mudaram da comunidade. É intenção da comunidade escolar, segundo a professora Fátima, retomar esta iniciativa que valoriza e torna conhecida de todos a herança dos seus descendentes que ali habitaram, como uma forma de socializar e mostrar a importância da cultura negra para a formação do povo brasileiro.

FALA COMUNIDADE

"... As festas da escola mesmo, só são realizadas na quadra junina, com quadrilhas, carimbó e no final do ano nós fazemos uma confraternização com os alunos, com brincadeiras e brinquedos" (Profa. Fátima Barros)

"... há muito tempo eles dançavam ao som de música afro, com músicas do quilombo mesmo, que estavam em um CD, às vezes com acompanhamento de tambor e outros instrumentos, mas principalmente ao som das músicas do CD. As roupas eram todas em palha e o sutiã das moças eram feitos com cuias pitinga" (Prof. Fátima Barros).



O conhecimento e uso das plantas medicinais em Itancuã

Para as populações da zona rural, a medicina caseira apresenta-se como uma excelente alternativa para tratar suas doenças. Os conhecimentos sobre os usos de plantas e ervas medicinais das populações tradicionais como Itancuã Miri, fazem parte da sua cultura. E, por meio de entrevistas com as pessoas mais idosas da comunidade, foi possível levantar vários desses remédios caseiros comumente utilizados no seu dia a dia. Apesar da grande diversidade de plantas listadas por eles, estas não são efetivamente conhecidas pela maioria dos jovens entrevistados.

Das citadas pelos depoentes, temos o jucá, o elixir paregórico, a folha de pirarucu, a catinga de mulata, dentre outras. De maneira geral, aprenderam com os pais, avós, padrinhos e com suas próprias experiências, através da troca de informações com outras pessoas.

Assim, listamos a seguir outras dessas plantas, seus modos de uso, a parte utilizada e para que servem, como forma de socializar as nossas descobertas referentes ao conhecimento popular dessas espécies que fazem parte da cultura de Itancuã.

As plantas e ervas medicinais utilizadas para cura de doenças em Itancuã Mirim – alguns exemplos...

Alfavaca (*Ocimum gratissimum*): é uma erva da família *Lamiaceae*, que tem mais ou menos 30 centímetros de altura. Suas folhas possuem formas ovais e são bem aromáticas; é bastante utilizada na crenche popular, para fazer banhos que trazem sorte e também é usada como tempero em alimentos.
Para que serve? As folhas são diuréticas, indicadas para tratar digestão difícil e doenças intestinais, problemas estomacais e renais; atuam contra febre, tosse e garganta inflamada.
Como fazer o remédio? Ferver as folhas durante 15 a 20 minutos e tomar sempre que necessário.

Capim marinho (*Cymbopogon citratus*): também é popularmente conhecido como capim-limão, capim-santo e por outros nomes que podem variar de acordo com cada região. Tem ramos finos e longos na cor verde, medindo até 1,5m de altura. Além da medicina popular, suas folhas são usadas na área de cosméticos.

Para que serve? Dores de cólicas, de cabeça, de estômago, diarreia, febres, gases, reumatismo e antigripal.

Como faz o remédio? O chá deve ser feito com algumas folhas novas do capim-marinho. As folhas são colocadas em um recipiente e, em seguida, despeja-se a água quente sobre as folhas, abafa-se, aguarda-se de 15 a 20 minutos e bebe-se em forma de chá. No caso de gripe, basta deixar algumas folhas de molho de um dia para o outro em um recipiente (pode ser em uma bacia) para no dia seguinte usar a água no banho, molhando bem a cabeça.

Hortelã (*Mentha spicata*): é uma planta de aroma agradável, que pode medir de 30 a 100 centímetros de altura. É utilizada pela indústria, na fabricação de produtos alimentares, produtos dentários e cosméticos.

Para que serve? Para acalmar os nervos, tratar de cólicas uterinas, problemas digestivos e vômitos.

Como faz o remédio? Para fazer o chá, coloca-se algumas folhas em um recipiente, adicionando água fervente nas folhas. Abafa-se por 15 minutos e faz-se o uso do chá.

Erva cidreira (*Lippia alba* (Mill) N.E.BR.): erva de cor verde-claro, medindo aproximadamente 2 m de altura. Tem um aroma muito agradável.

Para que serve? Para aliviar dores de cólicas (problemas estomacais) e gripe.

Com faz o remédio? No tratamento de problemas estomacais, utiliza-se o chá das folhas; já para gripe, basta bater algumas folhas no liquidificador com água e mel, coar bem e depois tomar.

FALA COMUNIDADE

"... Quando eu não tenho alguma planta pra fazer um remédio, eu peço pra alguém que tenha, igual como vinham pedir pra mim aqui em casa". (Odiva Alves – D. Batinha)

"... aqui em casa eu tenho jucá, capim-marinho ..." (D. Julieta - parteira)

"...a jaburana é muito boa para cuidar de dor de dente. A Verdigosa é boa para curar machucados" (D. Julieta - parteira)

"Em casa, a gente tem uma árvore de Anador, serve para dor" (D. Raimunda Carolina)

"Às vezes quando eu vejo que as pessoas têm, eu peço pra eu plantar. Um dia desses, eu pedi para uma senhora um pé de hortelãzinho, que é bom pra criança tomar. (D. Deuza)

"...tenho o elixir paregórico em planta; é só fazer o chá. Tenho a japana, que ninguém dá valor, mas é muito boa pra tosse. Já tive muita catinga de mulata, muita babosa, muita arruda, mas era só pra dá pros outros... (D. Batinha)





O imaginário popular de ITANCUÃ MIRI

Assim como em todos os outros lugares de nossa região, a comunidade de Itancuã possui suas histórias: os mitos e lendas fazem parte do imaginário popular deste lugar.

Durante as entrevistas com os depoentes foi possível identificar diversas histórias que envolvem personagens da fauna e da flora. A conhecida Matintaperera (que surge como uma assombração ou visagem que assusta as pessoas e pode até provocar-lhes a morte; também falam que é uma mulher que vira passarinho assobiador, a matintaperera que vem em busca de tabaco) e o Boto (o grande encantado dos rios, que se transforma num rapaz, todo vestido de branco e um chapéu – que é para esconder o furo no alto da cabeça, por onde respira – percorre as vilas e povoados ribeirinhos, frequenta as festas e seduz as moças, quase sempre engravidando-as).

A seguir, registramos quatro "causos", cujo cenário é a própria comunidade.

O mistério da Casa Grande

No tempo em que havia escravos em Itancuã, existia uma casa grande, onde morava o coronel dono das terras, e também uma senzala, onde moravam os escravos. Depois de muitos anos, com o fim da escravidão e a formação da comunidade, a casa grande, que ficava no caminho em direção ao trapiche, foi demolida por algumas pessoas que achavam que a casa não serviria mais. Segundo relatos de moradores antigos, naquele local aconteciam fatos estranhos, que ninguém sabia explicar. Quando passavam com paneiros nas costas, com mercadorias para levar para o trapiche, mesmo que os paneiros estivessem amarrados, as mercadorias caíam, como se algo ou alguém tivesse derrubado das costas de quem as carregava.



O Padre sem cabeça

A história do padre sem cabeça foi contada de pais para filhos, de avós para netos, ou seja, de uma geração para outra.

Tudo aconteceu no tempo em que ainda não tinha energia elétrica na comunidade. Os moradores que trabalhavam com a venda de produtos como o carvão, o açaí e a farinha, precisavam acordar de madrugada para ir até o trapiche despachar os produtos para vender em Belém. O caminho era muito escuro e cercado por mato, por isso os trabalhadores se preparavam com fochos de fogo feitos com ramos de plantas para iluminar o caminho.

Quando chegavam a certa parte do trajeto, eles avistavam um homem vestido com uma batina, parecendo ser um padre parado embaixo de uma árvore, mas, o que assustava é que ninguém enxergava a cabeça daquele ser misterioso – somente o corpo dos pés aos ombros – e nada da cabeça.

Depois de um tempo, os moradores começaram a desconfiar de que se tratava do espírito de um padre que viveu no tempo em que a comunidade ainda era uma fazenda com coronel e escravos, e que depois de morrer ficou vagando.

A árvore que soltava fogos

Contam os moradores mais antigos, que no tempo em que não havia luz elétrica na comunidade, durante a noite, as pessoas andavam em caminhos estreitos e escuros, cercados por matos, com árvores bem altas. Alguns moradores contavam que viam fogos de artifícios saírem de trás das árvores quando passavam. Era como se fossem fogos de artifícios, só que sem sons, somente uma explosão de claridade que subia aos céus.



A mangueira que dá tapa

Esse "causo" é contado por alguns moradores como um dos mais engraçados. O relato é bem simples, sem muitos detalhes. Algumas pessoas dizem ter sentido algo diferente – a sensação de ter levado um tapa nas costas ou na nuca enquanto passavam embaixo de uma mangueira localizada na comunidade, mas, segundo as "vítimas", isso só acontecia em determinados horários.

FALA COMUNIDADE

"Esse padre sem cabeça, no tempo da escravidão, o pessoal utilizava um padre para manipular os escravos e esse padre morreu, e depois começou a aparecer para as pessoas. O corpo era grande, mas ninguém via a cabeça dele. Isso no tempo dos meus avós – eles contavam isso" (Zeca)

"... Depois de um tempo, no local onde ficava a casa grande começou a acontecer coisas anormais, que as pessoas ouviam e viam. Dizem que quando as pessoas passavam por lá, carregando paneiros nas costas, alguma coisa "arriava" os paneiros das pessoas..." (Zeca)

"... Eu não conheço muito essas lendas aqui na comunidade. Eu me lembro da Matintaperera, que antigamente aparecia por aqui, assobiava e mexia com as pessoas. Essa história todo mundo conhece. Hoje ela não aparece mais, porque está tudo claro, por causa da energia elétrica e ela gostava de escuro..." (Odiva Alves – D. Batinha)

"... a lenda mais conhecida é a da Matintaperera, que o pessoal fala. Até hoje, a gente ainda ouve uns assobios, e dizem que é de Matinta..." (D. Raimunda Carolina)

"... a lenda que o pessoal conta é a da cobra-grande, e dizem que muito tempo atrás viam Matintaperera, lobisomem. Mas eu acho que isso tudo é lenda". (Seu Teodorico)



FALA COMUNIDADE

"Os antigos diziam que quando eles iam para o porto seguir viagem para Belém, ainda não tinha energia elétrica e eles faziam aqueles fochos com rama de açazeiro, de pupunheira – acendiam e iam. Numa parte do caminho aparecia um homem que eles chamavam de padre sem cabeça. Eles viam um padre, mas ele não tinha cabeça, então eles saíam contando: – Olha, eu vi o padre sem cabeça! Eu não cheguei a ver nenhuma dessas visagens, só escutei as histórias.." (D. Raimunda Carolina)

"Algumas pessoas dizem ter visto um padre que sempre aparecia e que só podia ser vista a batina dele, e nunca enxergavam nada do pescoço pra cima, por isso acreditavam que ele era sem cabeça" (Profa. Fátima Barros)

"... aqui tinha uma árvore bem grande, perto da estrada, agora não tem mais. Era muito escuro naquelas bandas, e dizem que ela soltava fogos. O pessoal via tipo umas faíscas que saíam de trás da árvore e espocavam no céu. Parecia foguete, mas não fazia barulho nenhum..." (Odiva Alves – D. Batinha)

".. quando tudo era ramal, sem estrada, só aquele caminho no mato, meu pai dizia que de vez em quando ele caminhava à noite e às vezes via fogos saindo de trás de algumas árvores; era só passar alguém que os fogos saíam..." (Profa. Fátima)





Cultura e atividades econômicas de **ITANCUÃ MIRI**

Do que vive a comunidade de Itancuã Miri?

As atividades econômicas em Itancuã Miri baseiam-se em atividades comuns, desde a sua formação. São passadas entre as gerações e garantem o sustento das famílias.

O trabalho de campo permitiu identificar algumas atividades mais comuns, como a coleta de frutas regionais, em especial o açaí (específicas por época e safra), a roça de mandioca para produção de farinha e seus derivados, além da produção de carvão.

Todas essas atividades são realizadas em épocas específicas ou em tempo contínuo por seus moradores. Suas atividades são: plantar, cultivar, extrair matérias-primas e coletar produtos do ambiente que, além de contribuírem para a geração de renda, podem e são usados para o próprio consumo.

A seguir, exemplificaremos experiências relacionadas aos conhecimentos e os usos do ambiente para a subsistência dos comunitários.

O uso das plantas frutíferas

*A maioria das frutas é encontrada nos quintais das casas. Algumas pessoas têm um local chamado de "frutal" ou até mesmo de "sítio", onde cultivam várias árvores frutíferas. Entre as frutas que são encontradas na comunidade, estão: o açaí (*Euterpe oleracea* Mart.), o biribá (*Rollinia mucosa* (Jacq.) Baill.), o bacuri (*Platonia insignis* Mart.), o cacau (*Theobroma cacao* L.), o caju (*Anacardium occidentale* L.), o cupuaçu (*Theobroma grandiflorum* (Willd. Ex Spreng.) K. Schum.), a pupunha (*Bactris gasipars*), o uxi (*Endopleura uchi*), a manga (*Mangifera indica*), entre outras.*

A coleta e a venda de frutas também fazem parte das atividades realizadas por algumas famílias. O ambiente da comunidade é bastante rico em espécies de plantas frutíferas. Essas frutas, na "safra" ou "época" – (considerados períodos de abundância) são coletadas para o consumo, separadas e vendidas, principalmente no Porto da Palha, em Belém.

FALA COMUNIDADE

"... uma grande diversidade de árvores frutíferas, que inclusive elas somam na renda da gente, porque quase todas essas frutas são comercializadas, então a gente já tem normalmente no sítio e aquelas que têm uma melhor saída no comércio a gente vai cuidando para que elas não sumam, e para que sempre tenham" (Zeca)

"Lá em casa nós temos um açazal que nós mesmos plantamos. Então, se houver uma necessidade de vender pra complementar a renda, nós vendemos uma "rasa" ou duas, quando não, nós tiramos somente para o nosso consumo e não precisamos comprar açai" (Profa. Fátima)

"... no meu quintal também tem açai, bacaba, cupuaçu, que nos vendemos em Belém quando está na safra..." (D. Julieta)

"... eu tenho açai, bacaba, manga, acerola, uxi e outras dessas plantas frutíferas. Aqui em casa, a gente vende as frutas quando elas estão na safra". (D. Batinha)

"No meu quintal tem açai, bacaba, manga, jambo, ingá" (seu Teodorico)



O Açaí: Alimento que não pode faltar na mesa dos moradores de Itancuã

A palmeira do açaí ou açaizeiro (*Euterpe oleracea* Mart.), frequente e abundante em todo o estado do Pará, é nativa da Amazônia brasileira, de cujo fruto é preparado o "vinho de açaí", um alimento indispensável para os moradores de Itancuã Miri. Está presente em quase em todos os quintais e espaços naturais da comunidade e, segundo os relatos de moradores, é a fonte de renda da comunidade, que acabou ficando "no lugar" da farinha, que na atualidade é produzida mais para consumo do que para venda. O açaí é habitualmente consumido com farinha de mandioca, associado ao peixe, ao camarão, ao charque ou à carne. Segundo os moradores, o açaí é uma fruta "do verão", pois a sua safra coincide entre os meses de julho a dezembro, mas ele também ocorre na entressafra, entre os meses de janeiro a junho, porém, em menor escala.

Além de servir como fonte de alimento, detectou-se que os moradores de Itancuã Miri fazem uso de outras partes desta palmeira. Por exemplo, da raiz fazem o chá para curar doenças intestinais como diarreias e no combate a verminoses. Do seu caule, denominado de "estipe", da sua parte mais alta é retirado o palmito de excelente qualidade, que também serve de alimento, mas na comunidade é vendido em menor escala.



FALA COMUNIDADE

"A melhor época é a do verão, é a época que tem mais açaí" (D. Raimunda Carolina)

"... em casa a gente apanha o açaí pra tomar e pra vender em Belém também, mas é bem pouco para venda..." (D. Raimunda Carolina)

"Além do consumo, o açaí é uma das maiores fontes de renda que nós temos" (Zeca)

"... a gente mais consome do que vende, só às vezes quando nós tiramos daqui e vendemos para Belém, em caroço mesmo" (seu Teodorico)

"... a palmeira do açaí é bastante aproveitável, o chá da raiz serve para fazer remédio para diarreia; o próprio fruto quando ainda está verde serve também para fazer chá para dor de barriga e diarreia, além do palpito que também é extraído do açaizeiro..." (Profa. Fátima)



FALA COMUNIDADE

"... aqui em casa a gente tem uma máquina de bater o açaí pra beber e pra vender também lá no Porto da Palha, em Belém. A gente vende o açaí em caroço..." (D. Batinha)

"... na comunidade é utilizado só o fruto, mas como hoje a gente já trabalha com manejo, então, quando termina a safra do açaí, geralmente é tirado o palmito pra ser comercializado em Belém (Zeca)

"... todo ano tem que ser tirada uma ou duas árvores que estão mais altas, mas deixa um "filho" pra recuperar o açaizeiro e melhorar a produção, porque quando elas estão muito altas, muito velhas, elas fracassam. Então, quando você estiver beneficiando o açaí, você vai deixando uma muda ir crescendo pra quando você cortar a maior, a mais velha já ter uma pra suprir" (Zeca)

"... o palmito, que de vez em quando a gente extrai, mas não é pra consumo. Nós vendemos aqui mesmo no porto para alguns compradores que aparecem" (Sr. Teodorico)

"... na área de Várzea tem açaí o tempo todo, já que é uma área encharcada" (Profa. Fátima)



A mandioca: uma estrangeira no cotidiano de Itancuã Miri

Apesar de não ser uma espécie nativa da Amazônia (originária dos Andes), a cultura da mandioca é tipicamente tropical, e está ligada à própria história do Brasil. Tem sido consumida desde a época colonial e usada de diversas maneiras. O cultivo de mandioca é o componente básico do sistema de produção na região amazônica, que tem duas finalidades: o consumo direto da família, como meio de subsistência imediata e o comércio do excedente. Em Itancuã, isto também é uma realidade. A mandioca é cultivada principalmente para a produção de farinha, em um processo inteiramente artesanal, e quase todas as famílias destinam a maior parte da produção da mandioca para a subsistência e a outra parte é destinada para a venda no Porto da Palha, em Belém.



O que é a mandioca?

A mandioca-brava (*Manihot esculenta* Crantz.) constitui um dos principais alimentos para milhões de pessoas no nosso país. De fácil adaptação, a mandioca é cultivada em todos os estados brasileiros. É uma planta da família das Euphorbiaceae e sua raiz é um tubérculo (batata) rico em cálcio e fósforo, e proteínas em pequena quantidade, por isso, o seu uso precisa ser complementado com outros alimentos proteicos.

Há dois grandes grupos de mandioca: a mandioca-doce ou mansa (*Manihot aipi*), também conhecida como macaxeira, que não é tóxica, portanto, comestível; e a mandioca-brava ou amarga, que não pode ser consumida sem antes passar por lavagens, aquecimento e torrefação – técnicas desenvolvidas pelos indígenas para torná-la comestível, pois contém ácido cianídrico, cujo consumo direto da raiz, pode causar diversas reações como vômito, diarreia, sonolência, convulsões, entre outros danos à saúde. Desta variedade ou grupo se faz a farinha, alimento preferido de numerosas famílias.



FALA COMUNIDADE

"No tempo do meu avô, a farinha era a maior fonte de renda da comunidade. Hoje, a comunidade produz farinha mais para próprio consumo. Então, as famílias que trabalham com farinha geralmente produzem para o consumo e vendem apenas o que sobra aqui mesmo na comunidade!" (Zeca)

"... ainda têm pessoas e famílias que fazem a farinha para vender, e têm outras que produzem a farinha só para o próprio consumo, porque conforme a pessoa vai envelhecendo, vai ficando sem força e disposição pra trabalhar no roçado, aí vai deixando de trabalhar com isso e ficam os outros que continuam". (Profa. Fátima)



Da roça para a mesa dos moradores de Itancuã Miri: a farinha e seus derivados

A forma de como produzir a farinha pode variar de pessoa para pessoa, já que nem todos aprenderam de uma só forma. Esses conhecimentos são aplicados desde a escolha do terreno para se fazer a roça de mandioca até a maneira de torrar a massa para obter a farinha. A seguir, apresentamos algumas dessas informações adquiridas nas entrevistas.

O trabalho na roça, na maioria das vezes, por todos da família. Em geral, o trabalho dos homens é o mais pesado que o das mulheres, no entanto, em algumas famílias as mulheres fazem sozinhas todas as etapas de produção da farinha.

A maioria dos entrevistados possui casa de farinha em sua propriedade e cultiva a mandioca em roça de "toco", onde o agricultor escolhe uma área para preparar a terra e fazer o roçado.

Depois de preparar e limpar o terreno, ocorre o plantio da maniva. Planta-se um pedaço do caule com aproximadamente um palmo de comprimento.

Após o plantio, alguns meses depois, é necessário fazer a limpeza na roça, para que a plantação possa vingar e crescer saudável, segundo relatos do agricultor Zeca. Mais adiante, faz-se outra limpeza. Nesta atividade, retira-se o mato que cresce por entre a plantação.

A colheita se dá algum tempo depois, cerca de um ano após o plantio, quando, enfim, a roça está "madura".



FALA COMUNIDADE

"... meu trabalho com roça vem das raízes. Minha mãe era roceira e eu aprendi olhando meus pais fazendo..." (D. Batinha)

"... a gente vai escolher uma "capoeira", onde essa "capoeira" já esteja adulta, porque aí a gente acha que a terra tá forte pra dar produção..." (Zeca)

"... você planta, com três meses precisa dar uma limpeza, tirar os matos e deixar só a maniva. Com sete ou oito meses, você faz outra limpeza, e com um ano que essa roça tá madura, a mandioca tá boa de colher, e aí que você vai para o processo da farinha, que é outro processo!" (Zeca)



Os utensílios utilizados para a produção de farinha em Itancuã..

No processo de fabricação da farinha são utilizados diferentes tipos de materiais, utensílios e ferramentas. Veja abaixo alguns deles e seus usos:

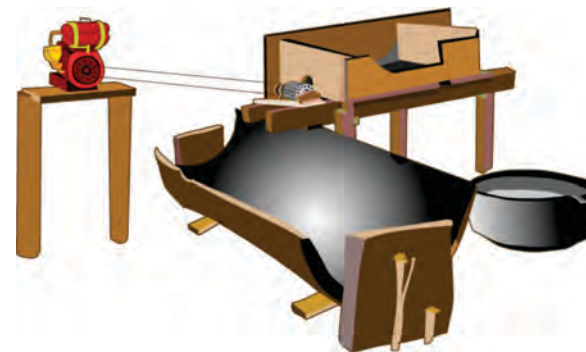
Cocho – Um recipiente longo de madeira, que serve para espalhar e esfarelar a mandioca ralada.

Tipiti – Espécie de prensa em forma de cilindro, feito de fibras naturais trançadas (tala do Guarumã - *Ischnosiphon arouma* Aubl. Koern), que serve para prensar a massa e a retirada do caldo de tucupi.

Peneira – artefato que serve para afinar a massa da mandioca (peneirar).

Forno: local onde se torra a farinha, geralmente formado por uma base arredondada de barro, coberto na porção superior por um tacho de cobre ou ferro.

Rodo: uma espécie de "pá" de madeira, com cabo longo, utilizada para mexer a massa no forno e impedir que a farinha queime.



FALA COMUNIDADE

"... forno, onde se faz a farinha, um *tipiti*, que é utilizado pra espremer a massa e tirar a água, e que no processo mecanizado eles chamam de *prensa*, que é motorizada; tem que ter a *peneira* pra coar a massa; duas tábuas, que alguns chamam de *cocho*, no caso, tem que ser dois *cochos*: um para colocar a mandioca e outro para tirar a farinha; e tem que ter o *rodo*. Ele é feito de madeira; é uma vara, um cabo, e da raiz de um pau chamado *sapopema*. O *rodo* é aquele equipamento que você fica mexendo a farinha, e o *forno*, que antigamente era de cobre – mas passaram a roubar os fornos de cobre – e os moradores resolveram vender seus fornos de cobre e passaram a comprar de ferro. Se faltar um desses utensílios, dificilmente você consegue fazer a farinha" (Zeca)



O preparo da farinha...

O modo de produção da farinha em Itancuã é feito artesanalmente. Após a colheita, a mandioca, as raízes são descascadas com o auxílio de uma faca, lavadas e colocadas de molho num tanque com água ou dentro de grandes sacas no igarapé. Ficam por cerca de quatro dias para amolecer, para serem transportadas para a casa de farinha. No passado, o transporte até a casa de farinha era feito em paneiros, carregados nas costas dos produtores ou em cavalos; hoje é realizado por meio de "carros de mão" e motos.

Ao chegar à casa de farinha, que geralmente se localiza nos quintais, a mandioca passa por vários processos.

Veja a seguir a sequência deste processo:

- 1º - Tira-se a casca da mandioca;
- 2º - Raspa-se ou rala-se a raiz;
- 3º - Coloca-se a mandioca em um **cocho** para ser amassada e esfarelada;
- 4º - Coloca-se a massa no **tipiti** para exprimê-la e extrair o tucupi – um caldo amarelo muito usado em molhos, no tacacá e no tradicional "pato no tucupi";
- 5º - Depois de seca, esta massa é peneirada para ficar solta;
- 6º - quando a massa já esta bem solta, em grãos, é colocada no tacho de um forno a lenha. Nesse momento, deve-se ter bastante paciência e jeito para **torrar** bem a massa, mexendo várias vezes com o rodo, sem deixar queimar a farinha.



FALA COMUNIDADE

"... Para fazer a farinha, tem que colocar a mandioca na água de molho, por quatro ou cinco dias, pra amolecer, pra daí você tirar e levar para casa de farinha..." (Zeca)

"... chega na casa de farinha, vai para uma tábua, é um **cocho**, onde ela é amassada, esfarelada. Aí ela passa por um processo de secar, que pode ser em uma prensa ou no tipiti pra enxugar essa massa. Quando a massa estiver enxuta, você põe em cima de uma peneira, onde tem uma caixa, e você vai coar, vai esfarelar essa massa pra daí jogar no forno (Zeca)

"... quando a massa vai para o forno, tem que conhecer o fogo pra fazer ela cozinhar. Quando ela tá cozendo é que ela forma os grãos, os caroços, e você pode fazer ela bem escaldada, que o cozinhar para nós é escaldar, fazer bem fina ou mais grossa, esse processo é nesse momento. Então você vai ficar mexendo pra ela enxugar até ela ficar torrada..." (Zeca)



Outros usos da mandioca em Itancuã

A mandioca tem os seus derivados. É um vegetal que pode fornecer produtos que são utilizados na comunidade ou vendidos em outros locais, para complementar a renda familiar, como: a rama ou maniva, como são chamadas as folhas tiradas após a colheita da mandioca. São moídas, trituradas e usadas na culinária paraense, em preparos de alimentos típicos, como a maniçoba. Segundo relatos, esta parte é bastante comercializada na época do Círio de Nazaré, uma vez que esta iguaria faz parte do cardápio, por ocasião da festividade.



Da massa da mandioca também são extraídos o tucupi, uma espécie de caldo amarelo que escorre do tipiti quando a polpa da mandioca é espremida. É utilizado no preparo de molhos de pimenta e alimentos, como o tacacá e o pato no tucupi; e a goma, resultante da sedimentação do tucupi, utilizada na fabricação da tapioca, pão, farinha de tapioca, dentre outros.

FALA COMUNIDADE

"... a mandioca amarela, que a gente tira a rama pra vender, que é utilizada para fazer a maniçoba e de onde se tira o tucupi; e tem também a macaxeira, que a rama também é vendida, e da macaxeira faz bolo..." (Zeca)

"... antigamente, a gente fazia só a farinha da mandioca. Hoje, nós vendemos a rama, que é muito rentável e é usada pra fazer a maniçoba. Você pode vender até duas vezes a rama da mesma roça, sem prejudicar a produção da mandioca e da farinha. Só vai prejudicar se você tirar mais vezes, mas até duas vezes você pode tirar a rama e vender" (Zeca)

"... Agora a mandioca pode gerar vários produtos, como: a goma pra fazer a tapioca, o tucupi e a maniva"(Zeca)



Produção e venda de carvão em Itancuã Miri

Os moradores de Itancuã, assim como os de outras comunidades, sofrem com a crise econômica. É possível que a falta de opções de geração de renda façam desta atividade predatória um meio de vida comum, pois muitos desses moradores ainda vivem da exploração do carvão, o que implica no corte e queima de árvores. Trata-se de uma atividade de subsistência, porque o dinheiro é pago à vista e a venda é rápida e garantida, apesar de ser considerada prejudicial ao meio ambiente e à própria saúde das pessoas, segundo relatos dos moradores.

Para produzir o carvão, é necessário desmatar uma área de floresta de onde é retirada a matéria-prima, ou seja, o processo de produção se inicia com o corte da madeira da mata, que ao ser queimada em fornos e/ou caieiras, vira carvão.



Para a retirada da madeira na mata são utilizadas ferramentas manuais, como machados ou mecânicas, como a motosserra. Alguns moradores utilizam restos de madeiras cortadas e queimadas no preparo da roça. Em Itancuã esta atividade é feita o ano inteiro, mas, segundo relatos, o verão é a melhor época, por causa do tempo seco. No inverno fica um pouco difícil, mas, mesmo com o tempo úmido, o carvão tem que ser feito. Tem duas maneiras de se fazer o carvão. A primeira é chamada de "caieira": a madeira é retirada da mata e cortada em tamanhos iguais; depois, todos os pedaços são colocados em um buraco, cobertos com areia e queimados.

A segunda maneira de fazer o carvão, mais comum em Itancuã, é realizada colocando a madeira de forma organizada dentro de um forno feito de barro, para se aproveitar bem o espaço. Em seguida, coloca-se fogo e o forno é fechado. A queima ou combustão da madeira dura geralmente de três a quatro dias. Quando o fogo cessa e o forno está "frio" é um indicativo de que o carvão está no "ponto" de ser retirado e ensacado, levado em carros de mão até o trapiche, para de lá ser transportado pelo rio para o Porto da Palha, em Belém, e outras localidades vizinhas, para ser comercializado.

Apesar de se ter consciência de que a produção de carvão representa um meio de poluição e contaminação ambiental, pois seu uso constante destrói a floresta do entorno da comunidade, a ausência de alternativas menos predatórias, de certa forma obriga as pessoas a continuar esta atividade.

É necessária e urgente a elaboração de políticas públicas de mais longo alcance, capazes de suprir as necessidades da comunidade, para que a mesma faça uso de alternativas rentáveis e menos agressivas, tanto ao ambiente quanto ao seu próprio bem-estar.



FALA COMUNIDADE

"... tem duas maneiras de fazer o carvão. Tem uma forma que nós chamamos de caieira, que é quando você "atora" ou corta a madeira, tudo em um único tamanho, arruma bem arrumadinha e depois cobre com terra. Aí quando você vai tirar, você vai tirando, escangalhando e tirando tudo" (Zeca)

"já o forno é uma base de barro, de argila. Você faz um buraco, enche de lenha e cobre com argila, aí você acende ela e bate muito bem a argila e deixa secar. Quando ela seca, e você queima aquela lenha, fica aquele teto, que você pode utilizar outras vezes, por um ano, dois anos, enchendo e descarregando, como nós chamamos" (Zeca)

"... antes era no machado, agora é no motosserra. Eles fazem um forno de barro, cavam e enchem de pau, jogam o barro por cima e deixa secando. Quando já está bem sequinho o barro, colocam o fogo e vai colocando os paus para queimar e vai tirando outros na forma de carvão (D. Batinha)



FALA COMUNIDADE

"... corta aquela lenha, coloca em forno feito de barro, enche o forno com lenha e toca fogo. Quando for de tarde, abafa. "Abafar" quer dizer: tapar a boca do forno... o carvão passa de três a quatro dias dentro do forno. Depois desse tempo, quando o forno já tiver esfriado, abre o forno e retira o carvão em sacas. É muito trabalho. Aí passa o carvão para o porto pra levar para Belém" (D. Raimunda Carolina)

"... a produção do carvão é todo tempo, não para, porque é uma forma de sobrevivência. Já não é tanto, mas ainda é! Na época da chuva é menor. Aí, fica na safra das frutas e as pessoas ficam mais ligadas na coleta de frutas e acabam deixando um pouco o carvão de lado, mas não totalmente" (Seu Teodorico)

"... o pessoal faz carvão todo tempo, mas o período em que ele sai com mais intensidade é agora no verão, porque são utilizadas as madeiras da roça. Então, no período em que você vai fazendo a roça, já vai ficando restos de madeiras e muitos acabam aproveitando. No período, assim, de junho a dezembro, sai com mais intensidade, todo tempo tem carvão, mas no verão é a época que tem mais" (Zeca)





PARTE II

COMO TUDO COMEÇOU: OS RESULTADOS DO PROJETO DE PESQUISA



Considerações iniciais E OBJETIVOS

O projeto de pesquisa "Saberes locais, meio ambiente e juventude: um estudo na comunidade de Itancuã Miri" teve como principal objetivo identificar aspectos da cultura e do ambiente da comunidade remanescente de quilombo, Itancuã Miri, no município do Acará, estado do Pará, e de que forma os jovens moradores detêm o conhecimento dos aspectos socioculturais e como participam das atividades no dia a dia da comunidade. Este foi desenvolvido pelos alunos do Grupo "Meio Ambiente e Cultura", do Clube do Pesquisador Mirim, do Museu Paraense Emílio Goeldi em 2012. O contraponto principal foi a troca de experiências e de realidades vivenciadas pelos alunos entre as realidades do "mundo urbano" e o do "mundo rural" que integram a realidade paraense.

De maneira sucinta, os resultados tratam especificamente dos dados levantados pelos alunos, com auxílio do questionário junto aos jovens, destacando apenas alguns detalhes das informações dos depoentes sobre a comunidade de Itancuã, quando confrontadas com as respostas dos jovens. Já as informações levantadas durante as entrevistas com os antigos moradores, estas integram a cartilha e serviram de referência fundamental na composição geral desta publicação.





Metodologia, MATERIAL E MÉTODOS

Para a elaboração deste trabalho, inicialmente os alunos passaram por um período de "trabalho de gabinete", no qual se defrontaram com o levantamento de informações, leituras, palestras e preparação para a pesquisa de campo. Paralelo a isso, os instrutores realizaram duas visitas técnicas à comunidade de Itancuã Miri (uma em maio e outra em agosto de 2012), com o objetivo de estabelecer os primeiros contatos com a comunidade e levantar algumas informações necessárias para fundamentar a pesquisa, fazer registro fotográfico de ambientes da comunidade e organizar o material coletado, para, em seguida, apresentar aos pesquisadores mirins o lugar onde seria feita a pesquisa de campo.

Na segunda visita, o grupo reuniu-se com as lideranças locais para apresentar a proposta de desenvolver uma pesquisa na comunidade remanescente de quilombo – Itancuã Miri. Ficou definido que os informantes em potencial seriam os moradores mais velhos, e levantada a necessidade de contar com a participação de alguns jovens para auxiliar na pesquisa, além de definir um local que servisse de base de apoio ao grupo de pesquisadores mirins. Inicialmente, os alunos fizeram a pesquisa bibliográfica preliminar para conhecer algumas características gerais da comunidade de Itancuã Miri, inclusive para facilitar a definição das técnicas de coleta de dados. Assim, foi elaborado um questionário com perguntas fechadas e abertas, que foram aplicados com os jovens da comunidade e um roteiro de entrevistas direcionado aos moradores mais antigos da comunidade. Esta entrevista foi realizada com o uso de gravador. Como ferramenta auxiliar, foi utilizado o registro fotográfico, a fim de registrar não só o momento da pesquisa, como o cotidiano da comunidade.



A coleta de dados aconteceu no dia 15 de novembro de 2012, e contou com a participação de 19 pesquisadores mirins, distribuídos em duplas previamente estabelecidas. A equipe foi dividida em dois grandes grupos, sendo um grupo responsável pela aplicação de questionários aos jovens, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Pinto. Os demais pesquisadores seguiram para as casas dos moradores mais antigos, a fim de entrevistá-los. Os informantes foram: Sr. José Maria Alves (Zeca), Sra. Fátima de Nazaré Galiza Barros (Profa. Fátima), Sra. Raimunda Carolina Barros, Sra. Deusarina da Conceição S. de Araújo (D. Deusa), Sr. Teodorico Araújo, Sra. Odiva Alves do Nascimento (D. Batinha) e Sra. Maria Julieta Monteiro de Belém (Parteira). Seus relatos orais foram essenciais, pois possibilitaram a busca da história, da memória e dos fatos do dia a dia de Itancuã Miri.





RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo considerou como informantes jovens moradores de Itancuã Miri entre 12 e 23 anos. Foi aplicado um total de 13 questionários, sendo sete na Escola Francisco Pinto, com jovens contatados previamente pela Professora Fátima e os seis restantes foram aplicados nas casas de outros jovens, no entorno da escola.

Neste estudo, a maioria dos entrevistados é do sexo feminino (76,9%), estando 53,8% na faixa etária dos 15 aos 17 anos. Com relação à origem dos entrevistados, 61,54% nasceram em Itancuã. Os demais vieram de outros locais vizinhos.

Com relação à **escolaridade**, mais de 80% dos entrevistados ainda estuda, apesar das dificuldades de acesso. Destes, 63,6% estuda entre a 7^a e 8^a séries, e 36,3% já cursa o Ensino Médio Na Escola da comunidade de Boa Vista estão matriculados 36,6% dos entrevistados. A maioria está matriculada e em Belém (45,5%) e os demais não estudam mais. A não ocorrência de jovens estudando na escola da comunidade deve-se ao fato de que a mesma oferece vagas apenas para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental Básico, de 1^a a 4^a séries. Na questão referente à forma de **acesso a escola**, o resultado reflete o local onde estudam. Assim, 36,6% utilizam o ônibus escolar até Boa Vista e 45,5% viajam no barco escolar até Belém – e de lá seguem para as respectivas escolas.

A **fonte de renda** das famílias dos entrevistados é composta por mais de uma fonte de renda, principalmente pela produção de farinha e de carvão, além de aparecer, em menor escala, a venda do açaí, de aves e de frutos, como forma de complemento desta renda.

Acerca das **atividades de lazer**, caberia mais de uma resposta. Assim, a mais citada pelos entrevistados foi passear na comunidade (amigos e namorar), com quase 30% das respostas, seguida, de atividades esportivas, como jogar futebol e nadar no rio, que somadas chegam a 25% de indicações. As demais atividades de lazer citadas foram: andar de bicicleta, ir a festas, pescar, jogar videogame e dormir.

Os resultados a seguir referem-se ao foco deste estudo, pois estão relacionadas diretamente ao **saber** e ao **fazer** destes jovens na comunidade. Ao serem questionados se conheciam a história de Itancuã, 61% responderam negativamente; e os 39% restantes disseram saber, no entanto, quando se pediu para relatarem alguns fatos, responderam que "não lembravam" e "não sabiam explicar". No entanto, esta história é contada pela quase a totalidade dos depoentes, que em seus relatos destacaram os fatos contados por seus antepassados, na formação inicial desta comunidade.

Na questão relacionada ao motivo da comunidade ser considerada *remanescente de quilombo*, foi possível perceber que, apesar de familiar, este termo gera um pouco de dúvidas entre os jovens, pois, 36,3% afirmam conhecer, mas suas respostas eram relativamente vagas: "*as pessoas são morenas*", "*porque somos negros*", "*meus avós eram descendentes de escravos*" e 63,7% respondeu negativamente, ou seja, para a maioria dos entrevistados este assunto é de total desconhecimento. Em função deste desconhecimento, tal assunto faz parte desta cartilha, como fonte de informações necessárias para a valorização da identidade da comunidade de Itancuã de uma forma geral.

Para o *uso das plantas medicinais*, o resultado aponta que o conhecimento dos jovens sobre o uso das plantas medicinais de quintais não é participativo a todas as pessoas da família, sendo que 63,7% sabem que seus pais e avós usam, mas, a metade dos jovens não conhece as plantas e nem seus fins terapêuticos. A outra metade são aqueles que realmente detêm o conhecimento desses remédios caseiros. O restante dos jovens entrevistados, quase 36% desconhece totalmente as plantas medicinais.

As questões relativas às *atividades cotidianas dos jovens* foram organizadas no sentido de *conhecer a frequência* com que cada um participava das mesmas.

A pesquisa constatou que os jovens de Itancuã Miri têm participação ativa nas atividades caseiras de rotina familiar. Quando perguntados sobre as *atividades domésticas* (cozinhar, cuidar dos irmãos, lavar, arrumar a casa etc.), como a maioria dos jovens entrevistados são do sexo feminino, a maior incidência destas atividades foi quase unanimidade entre as meninas, perfazendo um total de cerca de 80%. Estas afirmaram que *sempre* realizam tais tarefas. Quanto à questão do cuidado com os *afazeres do entorno da casa* (limpar quintais, cuidar dos animais, coletar frutos e hortaliças), somam uma frequência relativamente alta. Cerca de 70% fazem tais atividades no seu dia a dia.

Do item referente à frequência nas atividades para a *produção da farinha*, uma das principais bases da economia local, para as indagações foram considerados os seguintes itens: o trabalho na roça, a produção da farinha e os derivados da mandioca e a venda, além dos utensílios e objetos utilizados para esta produção. No entanto, da metade dos entrevistados, 53,8% realizam algumas tarefas relacionadas ao fabrico da farinha. Com relação ao preparo da terra e plantio, a frequência de participação gira em torno de 50%. Descascar, ralar e peneirar a massa de mandioca foram atividades citadas por menos de 40 % dos entrevistados; e a atividade usualmente realizada por homens foi de apenas 20%, considerando-se que o universo de entrevistados nesta pesquisa é constituído, em sua maioria, por pessoas do sexo feminino.

Os resultados apontam um relativo conhecimento desta atividade econômica, desde a escolha do terreno, os utensílios/objetos, para que servem e o modo de preparo da farinha (saber fazer). É fato que o conhecimento das populações tradicionais, como é o caso de Itancuã Miri, é transmitido de geração para geração. Por se tratar de um saber passado pelas relações de parentesco e vivência, é comum as crianças aprenderem com os adultos quando os acompanham nas atividades diárias e, por serem agricultores por excelência, este fato se confirma.

Boa parte dos jovens apontou a produção de carvão como uma atividade econômica importante para a renda familiar, mas este estudo revela um dado interessante: estes mesmos jovens são poupados da realização desta tarefa, pois a totalidade deles (100%) declarou nunca realizar nenhuma das etapas desta atividade (coleta de madeira na mata, corte, queima do forno, ensacamento e venda).



A região amazônica sempre foi povoada por mitos e seres mágicos e as lendas sempre foram contadas em rodas de conversas pelos mais antigos, fazendo parte do imaginário das comunidades ribeirinhas. Quando perguntados se já ouviram falar de alguma "lenda ou história" contada em Itancuã Miri, 63,7% dos entrevistados já ouviram falar. No entanto, referiam-se às lendas mais populares da região: o boto, a matintaperera e a cobra grande. Das histórias contadas pelos entrevistados que fazem parte do imaginário exclusivo desta comunidade, apenas uma pessoa citou a história do "padre sem cabeça".

Visando preencher esta lacuna, esta cartilha apresenta, por meio dos relatos orais coletados com os moradores mais antigos algumas destas histórias, podem ser visualizadas na parte I da cartilha.

Outra questão abordada refere-se às festas folclóricas e eventos esportivos da comunidade. Os jovens citaram como danças o carimbó, a capoeira (apesar da capoeira não ser uma dança), a quadrilha e informaram que estas acontecem principalmente durante a época junina, com exceção da capoeira, sendo que 46,1 % dos informantes fazem parte do grupo de dança local. Estes eventos geralmente são apresentados no barracão ou na escola.

Na questão referente às festividades existentes na comunidade, 67,3% dos entrevistados, citaram a festa da Padroeira, Nossa Senhora de Monte Serrat, no mês de fevereiro. As demais festas foram citadas apenas por menos da metade dos jovens, pois quase 36% lembraram da festividade de Santa Maria, no mês de maio. As outras festas, cultos e novenas foram lembradas apenas por uma entrevistada.

As questões acima são consideradas fundamentais, pois apontam resultados específicos das hipóteses levantadas neste estudo, pois as mesmas consideram a frequência da atuação desses jovens com relação a estes festejos, às atividades culturais e o resultado nos remete ao seguinte: a hipótese levantada neste estudo considerou que os jovens de Itancuã Miri conhecem e participam ativamente de boa parte das atividades cotidianas da comunidade (roça, farinha, atividades de casa, frutas etc.). No entanto, com relação às manifestações culturais, especialmente às festividades existentes, a maioria deles participa apenas no dia dos eventos, divertindo-se, sem maior envolvimento na organização prévia dos mesmos, com exceção de 30% dos entrevistados, que demonstram realmente conhecer e participar ativamente de boa parte das manifestações culturais comunitárias de Itancuã Miri.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo visa, acima de tudo, contribuir para o conhecimento da cultura local – sua história, conhecer de que forma se dá o aproveitamento dos recursos naturais na comunidade e tornar público estes saberes tradicionais para a preservação e valorização dos moradores de Itancuã Miri.

É importante dizer que o conjunto de conhecimentos teórico-práticos dos depoentes (moradores mais antigos e lideranças comunitárias) sobre o seu dia a dia são uma rica fonte de informação, pois conhecem com detalhes todos os aspectos relacionados com a cultura e o ambiente do lugar onde vivem.

O presente estudo reflete, em linhas gerais, a importância de se incrementar e proporcionar uma vivência prática cotidiana por parte dos jovens da comunidade de Itancuã Miri, ou seja, um envolvimento mais próximo, principalmente das manifestações culturais existentes na comunidade para que esses saberes se perpetuem, como forma de resgatar e valorizar a cultura deste lugar.

Um ponto a ser considerado refere-se à ausência de algum programa sistemático, organizado, pautado nas contribuições efetivas do negro na formação da nossa sociedade. Durante as entrevistas foi possível detectar que é realizado um evento, algumas atividades pontuais na escola, mas que por si só não preenchem esta lacuna. O ideal é formar grupos que perpetuem essas atividades afro-brasileiras no cotidiano local.

Enfim, toda a gama de contribuições continua "esquecida ou escondida", mas é fundamental para legitimar a importância da influência negra no nosso dia a dia e estes grupos precisam ser reconhecidos como personagens fundamentais na construção desta história.

Os capítulos que compõem esta cartilha, que foi elaborada a partir deste estudo, pretendem socializar os saberes agora organizados junto aos seus moradores (adultos, jovens e crianças) e demais interessados, servindo inclusive como fonte de pesquisa para as futuras gerações e para o público em geral.



CONCLUSÃO

A natureza não está dissociada da história da humanidade, tampouco das manifestações culturais que a cercam, se entendermos por cultura, grosso modo, a intervenção humana no que é natural ou faz parte da natureza. Nessas comunidades existe uma preocupação com a terra e com a necessidade do homem entender que se souber lidar com a natureza é possível haver uma relação de equilíbrio.

Os contatos com a comunidade Itancuã Miri possibilitaram ao Grupo "Meio Ambiente e Cultura", ter uma percepção mais próxima de como se processa o conhecimento em uma comunidade tradicional, as formas como foram passados estes saberes, seus conhecimentos sobre o meio ambiente, os usos econômico-culturais no seu cotidiano, isto é, como elas se reproduzem material e culturalmente nos seus espaços.

A terra é compreendida não só como espaço de trabalho, mas de moradia, de sobrevivência, de convivência comunitária e de educação. Assim, nesta cartilha propusemos fazer, mesmo que resumidamente, um retrato sobre as práticas cotidianas, as representações sociais e a reprodução material e cultural da interação homem x natureza, cujos usos no cotidiano dependem basicamente do meio em que vivem na comunidade de Itancuã Miri, que é remanescente de quilombo.

Hoje, infelizmente, o que se nota em Itancuã Miri é a ausência de novas alternativas de geração de renda, o que dificulta a diminuição dos impactos ambientais provocados principalmente pela prática de produção do carvão, que é eminentemente predatória, o que acarreta problemas que afetam diretamente o bem-estar dos seus moradores, mas, constitui uma das principais atividades econômicas da comunidade. Os relatos orais dos informantes atentam para estes problemas, e mais, que providências precisam ser tomadas para que a qualidade de vida dos moradores não seja tão afetada.

Assim, recomenda-se, com urgência, uma ação planejada de órgãos federais, estaduais e municipais (políticas públicas) que implantem na comunidade projetos alternativos de geração de emprego e renda, como o de piscicultura, que pode ser retomado, mas precisa de uma melhor articulação e organização, dentre outras ações mais internas como o fomento de produção de artesanato, plantio de outras espécies (ornamentais e hortaliças) para venda e consumo próprio. Enfim, novas formas de se usar o ambiente de Itancuã Miri, de forma mais sustentável.



ALMEIDA, Danilo de Souza. Manual de plantas medicinais. Belém/Pa, Museu Paraense Emílio Goeldi, Clube do pesquisador mirim, 2008.

Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP. Biodiversidade, 4. 175 p.

Diegues, A. C.; Arruda, R. S. V. (Org.) 2001. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.

FIGUEIRA, DIVALTE GARCIA. História em foco. São Paulo: Ática, 2010.

FRANCISCO, Vilma Maria Santos. Direitos humanos para quilombolas: consciência e atitude. Brasília: Secretaria especial dos direitos humanos, 2006. 40 p. (Coleção caminho das pedras; v. 1) 2ª ed.

GUEDES, Hilma Cristina Maia. Cadê a contribuição negra que está aqui?. Belém/Pa, Museu Paraense Emílio Goeldi, Clube do pesquisador mirim, 2008.

GUEDES, Hilma Cristina Maia. Um lugar de saberes: visitando a feira de São Braz. Belém/Pa, Museu Paraense Emílio Goeldi, Clube do pesquisador mirim, 2004.

LEMOS, Carlos. O que é patrimônio histórico. Ed. Brasiliense. S. Paulo. 1982.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. Itacoã no Baixo Acará – Pará: as terras dos descendentes além da Casa Grande. In: Mapeamento de Comunidades Negras Rurais do Pará: ocupação do território e uso de recursos, descendência e modo de vida. Belém: NAEA/UFPA/SECTAM, 1999.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. Itacoã, nosso sítio no Baixo Acará, Belém, 2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARINHO, Carla Figueiredo. Programa Raízes: Ações e práticas de “Políticas Étnicas no Pará”. Mon.pós. Grã. Belém: NAEA, 2007.

SALLES, Vicente. O negro no Pará: sob o regime de escravidão. 3 ed. Belém: IAP/ Programa Raízes, 2005.

SANTOS, Alan lavor; SABINO, Thiago Alan Guedes. Várzea e suas espécies. Belém/Pa, Museu Paraense Emílio Goeldi, Clube do pesquisador mirim, 2012.

SANTOS, Alessandra Lívia Lima. Saberes e sabores da mandioca. Belém/Pa, Museu Paraense Emílio Goeldi, Clube do pesquisador mirim, 2008.

SANTOS, José Luiz dos. O que é Cultura - Coleção Primeiros Passos, Editora: Brasiliense

SANTOS, Luiz Carlos dos. A presença negra no Brasil. In: *Educação africanidades Brasil*. MEC – SECAD – UnB – CEAD – Faculdade de Educação. Brasília. 2006. p. 146-166.

TRECCANI, Girólomo Domênico. Terras de quilombo: entraves do processo de titulação. Belém: Programa Raízes, 2006.

Sites Consultados:

<http://pessoas.hsw.uol.com.br/quilombolas4.htm> Acesso em Novembro de 2012

<http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em 05/11/2012

http://www.cisp.org.br/comunidades/html/brasil/pa/pa_comunidades_nordeste_itacoa.html Acesso em 05/12/2012

<http://www.webartigos.com/artigos/comunidades-quilombolas-do-estado-do-para/76114/#ixzz2BDduseP5>



Afro-curiosidades...

Nos quilombos só existiam negros?

Segundo estudos genéticos realizados em quilombos, a ancestralidade africana predomina na maioria deles. No entanto, é possível detectar a presença de elementos de origem europeia e indígena em algumas comunidades. Isso mostra que os quilombos não foram povoados apenas por africanos, mas também por índios e/ou brancos que foram integrados nessas comunidades.

FALA COMUNIDADE: Existe uma diversidade com relação à cor entre nós, que moramos na comunidade. Têm pessoas com a pele mais negra, outras com a pele mais morena e até mesmo outras mais claras... Segundo o que os antigos falam, é porque os brancos também engravidavam as negras, e durante essas relações iam nascendo pessoas com a cor da pele diferenciada..."

Onde se localizam estas comunidades na Região Amazônica?

Na Amazônia, as comunidades remanescentes de quilombo estão localizadas principalmente nos estados do Pará e Maranhão, que juntos possuem cerca de 900 comunidades, apesar de estarem presentes também nos estados do Amazonas, Rondônia, Amapá, Acre e Mato Grosso.

O estado do Pará concentra o maior número de comunidades quilombolas tituladas. Foi no município de Oriximiná/PA que pela primeira vez uma comunidade quilombola recebeu o título coletivo de suas terras, no ano de 1995.

Dia Nacional da Consciência Negra

O dia 20 de novembro foi estabelecido pelo Projeto de Lei nº 10.639/2003 como o "Dia Nacional da Consciência Negra", em homenagem a Zumbi dos Palmares. Trata-se de uma data especial, comemorada com denúncias, protestos e resistência pelos movimentos negros. Neste dia, no ano de 1695, morreu Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, pequeno refúgio de escravos, localizado na Serra da Barriga em Alagoas.

O que é um movimento negro?

É bem parecido com a associação de pessoas negras que se organizam há muito tempo para combater todas as formas de discriminação racial contra o povo negro, promovendo a igualdade e o exercício de seus direitos. Foi necessário que **militantes do movimento negro**, em parceria com alguns deputados e senadores, lutassem para que fosse redigido o **artigo 68 da Constituição Brasileira sobre os direitos dos quilombolas**.

Que contribuições vieram da África e é possível perceber no nosso dia a dia?

Sabores da África: A culinária africana passou por adaptações necessárias, especialmente ao se misturar com as tradições culinárias dos colonizadores e dos indígenas. Assim, temos a feijoada, o vatapá, o aluá, o bobó de camarão, o mungunzá (mingau de milho), o pé de moleque, o caruru, o abará, entre outros.

Danças populares: Existe uma diversidade enorme de danças de origem africana ou que sofreram sua influência direta, como o carimbó, o boi-bumbá, o marambiré, a marujada, o lundu, a capoeira e o samba.

Os instrumentos musicais: A música criada pelos afro-brasileiros, assim como as danças possui mistura de influências de toda a África com elementos da música portuguesa e, em menor grau, indígena. São instrumentos de origem africana o tan-tan, o agogô, o reco-reco, a conga ou atabaque, o berimbau, o pandeiro, o ganzá, dentre outros.

Falamos palavras de origem africana?

Sim, a língua falada no Brasil recebeu várias contribuições dos povos africanos. Muitas foram aproveitadas, como o jeito de falar espontâneo e claro e na maneira de expressar as palavras. Veja alguns exemplos de palavras de origem africana que falamos no dia a dia: abadá, aluá, babá, banana, banguela, bagunça, bunda, caçula, catinga, denço, farofa, fuá fuxico, gogó, hã!, hum hum, inhaca, lambada, macaco, moleque, mochila, neném, pirão, quenga, quiabo, quitute, ranzinza, sacana, samba, sunga, tanga, urucubaca, zanga, zombar, zonzo, entre outras.



Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA